



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO (FAC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**A Educação Midiática como estratégia de combate à
desinformação entre a pessoa idosa: uma revisão sistemática**
Gisele Nunes Brasil

Brasília
2026



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO (FAC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**A Educação Midiática como estratégia de combate à
desinformação entre a pessoa idosa: uma revisão sistemática**

Gisele Nunes Brasil

Trabalho apresentado à Banca Examinadora, como
requisito parcial para obtenção do grau de mestre em
Comunicação.

Linha de pesquisa: Poder e Processos Comunicacionais
Orientador: Prof. Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho

Brasília
2026

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BB823e Brasil, Gisele Nunes
A Educação Midiática como estratégia de combate à
desinformação entre a pessoa idosa: uma revisão sistemática
/ Gisele Nunes Brasil; orientador Wladimir Ganzelevitch
Gramacho. Brasília, 2026.
63 p.

Dissertação(Mestrado em Comunicação) Universidade de
Brasília, 2026.

1. desinformação. 2. fake news. 3. revisão sistemática.
4. educação midiática. 5. pessoa idosa. I. Gramacho,
Wladimir Ganzelevitch, orient. II. Título.

GISELE NUNES BRASIL

**A Educação Midiática como estratégia de combate à desinformação
entre a pessoa idosa: uma revisão sistemática**

Trabalho apresentado à Banca Examinadora, como
requisito parcial para obtenção do grau de mestre em
Comunicação pelo PPGCom/UnB.

Linha de pesquisa: Poder e Processos Comunicacionais
Orientador: Prof. Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho - Presidente (PPGCom/UnB)

Prof^ª. Dr^a Carina Luisa Ochi Flexor - Membro (PPGCom/UnB)

Prof^ª. Dr^a Adriana Barsotti Vieira - Membro (PPGMC/UFF)

Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira - Suplente (PPGCom/UnB)

AGRADECIMENTOS

Quando me formei em Comunicação Social, não imaginei que prosseguiria no mundo acadêmico. Vinte anos depois, aqui estou e esta etapa não teria sentido sem a presença, colaboração e amor da pessoa mais especial que tenho perto de mim. Portanto, este trabalho é todo dedicado a ele, que me trouxe confiança e segurança durante todo este processo. Ramon, obrigada pelo apoio, paciência e palavras de afirmação nos momentos mais turbulentos dessa trajetória. Você é a pessoa mais coerente, inteligente e justa e que tive a sorte de ter comigo. Te amo mais que tudo, tudo, tudo.

Este trabalho também não seria possível sem o apoio dos colegas de trabalho que me incentivaram a apresentar um projeto e me cobriram nos momentos em que precisei me ausentar para assistir às aulas do mestrado.

Aos colegas de turma, companheiros das angústias de entregas de trabalho e de indicação de textos enriquecedores. Encontrar vocês nos corredores da UnB e conversar com vocês pelo *whatsapp* deixou essa caminhada mais leve.

Aos professores da Pós-Graduação em Comunicação da UnB. Este trabalho tem um pouquinho de cada um de vocês, que sempre foram generosos ao me fazer enxergar para além da caverna.

À minha família de sangue, todos sempre com brilho nos olhos quando perguntavam sobre o andamento do mestrado. Se cheguei até aqui, saibam que muito tem a ver com as palavras de apoio de vocês, pois a vontade de desistir apareceu em vários momentos. Falar de vocês e não destacar a importância de mamãe nesse momento, seria injusto, porque ela é exemplo de determinação. Se ainda estivesse no plano terreno, tenho certeza que estaria toda orgulhosa compartilhando com todos a conquista da caçula.

À minha família do coração, que a vida trouxe por meio dos laços que fiz, obrigada pela consideração ao entender minha ausência em alguns momentos e por compartilharem referências que estão aqui neste trabalho.

Ao meu filho Arthur Brasil, que viu a mãe sair da rotina de uma hora pra outra e cooperou de maneira fenomenal assumindo responsabilidades que eu nem sabia que seria capaz. Te amo mais que tudo, tudo, tudo.

RESUMO

A presente pesquisa investiga o papel da educação midiática como estratégia no combate à desinformação direcionada à pessoa idosa. Diante de um cenário de crescente desordem informacional e polarização digital, o estudo justifica-se pela vulnerabilidade desse grupo social, que, apesar de ser um grande consumidor de conteúdos digitais, muitas vezes carece de ferramentas críticas para identificar notícias falsas. O objetivo central foi analisar, por meio de uma revisão sistemática da literatura, como as intervenções de alfabetização midiática têm sido aplicadas e quais os seus impactos no letramento informacional da terceira idade. Metodologicamente, a pesquisa fundamentou-se no protocolo PRISMA 2020, realizando uma revisão sistemática em bases de dados nacionais e internacionais (como Web of Science, Scopus e Google Scholar) no período compreendido entre 2016 e 2025. Os resultados revelam que, embora a educação midiática seja reconhecida como uma ferramenta eficaz, existe uma lacuna significativa de políticas públicas e iniciativas práticas voltadas especificamente para os idosos, visto que a maioria das estratégias ainda prioriza o público jovem. Conclui-se que a capacitação crítica da pessoa idosa para o consumo de mídia não apenas mitiga os riscos da desinformação, mas também promove a inclusão digital e o exercício pleno da cidadania, sendo necessária a adaptação de metodologias que considerem as especificidades cognitivas e sociais desta população.

Palavras-chave: desinformação, *fake news*, comunicação, educação midiática, pessoa idosa, revisão sistemática.

ABSTRACT

This research investigates the role of media literacy as a strategy to combat misinformation targeting the elderly. Given a scenario of increasing information disorder and digital polarization, the study is justified by the vulnerability of this social group, which, despite being a major consumer of digital content, often lacks the critical tools to identify fake news. The central objective was to analyze, through a systematic literature review, how media literacy interventions have been applied and what their impacts are on the information literacy of elderly. Methodologically, the research was based on the PRISMA 2020 protocol, conducting a systematic review in national and international databases (such as Web of Science, Scopus, and Google Scholar) covering the period between 2016 and 2025. The results reveal that, although media literacy is recognized as an effective tool, there is a significant gap in public policies and practical initiatives specifically aimed at the elderly, since most strategies still prioritize a younger audience. The study concludes that fostering critical media consumption among the elderly not only mitigates the risks of misinformation but also promotes digital inclusion and the full exercise of citizenship, requiring the adaptation of methodologies that consider the cognitive and social specificities of this population.

Keywords: misinformation, *fake news*, communication, media literacy, elderly, systematic review.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 MARCO TEÓRICO	12
1.1 Desinformação	12
1.2 Educação Midiática	14
1.3 Perdas cognitivas entre idosos	15
2 METODOLOGIA	19
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS	25
3.1 Revisões	26
3.2 Estudos de levantamento de dados	30
3.3 Estudos qualitativos	34
3.4 Estudos experimentais	40
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	47
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A - lista completa de artigos analisados na revisão sistemática	59
APÊNDICE B - artigos separados por categorias metodológicas	63

INTRODUÇÃO

Em Mato Grosso do Sul, um senhor de 70 anos foi vítima de um golpe de estelionato pelo *whatsapp*, tendo um prejuízo de R\$ 112 mil, em novembro de 2025 (Marques, 2025). O idoso foi abordado, por meio de mensagens, por uma pessoa que se apresentou como advogado e que o orientou a pagar valores referentes a supostas taxas judiciais como forma de liberar um pagamento de ação em que ele teria valores a receber. O caso demonstra o emprego de narrativas simuladas e documentos fraudulentos para induzir a vítima ao erro, evidenciando como a desinformação estruturada em ferramentas de mensageria é utilizada para enganar usuários do aplicativo, entre eles, os idosos.

O fato deste golpe ter sido realizado pelo *whatsapp* é significativo diante da ampla adesão da população brasileira à plataforma. Essas fraudes não decorrem de falhas técnicas do aplicativo em si, mas da falta de capacitação, que é menos operacional (saber manusear os recursos) e mais crítica (capacidade de compreender e interpretar conteúdos e intenções nas diferentes mídias), problema que pode ser solucionado, também, com intervenções de educação midiática.

O caso de Mato Grosso do Sul é apenas um exemplo dentre tantos que relacionam o idoso como pessoa vulnerável na utilização das mídias de comunicação e que fomentam a realização de pesquisas que revelam ser esse público mais propenso a repassar desinformação. A manipulação da informação em ambientes digitais tem gerado consequências financeiras e sociais, especialmente para a população idosa.

Mas, como a literatura científica tem abordado o papel das estratégias de educação midiática no desenvolvimento da competência crítica informacional de pessoas idosas frente à desinformação? Esta pesquisa tem o intuito de encontrar uma resposta a esta pergunta, com o objetivo de analisar, a partir da literatura científica, como a educação midiática tem sido trabalhada com pessoas idosas como estratégia para o combate à desinformação.

Um dos grandes desafios da humanidade atualmente é diminuir o impacto da desinformação que, com a digitalização das relações sociais e a popularização da inteligência artificial generativa, tem sido amplamente utilizada entre os mais diversos públicos (Pacheco, 2023). A produção da informação, antes restrita a pequenos grupos que tinham o controle da transmissão, agora pode ser feita por quem tiver um celular

conectado à internet. E essa variedade de informações publicadas dificulta o reconhecimento do que é fato, trazendo uma responsabilidade maior sobre o indivíduo para tomar decisões mais informadas sobre o conteúdo (Flanagin e Metzger, 2007 apud Seo *et al.*, 2021). Se por um lado a facilidade de acesso à expressão e difusão de informações é benéfica, quando se entende que ninguém fica de fora e participa do processo de recepção e produção de conteúdo informacional (Shirky, 2012); por outro lado traz problemas, como a falta de princípios éticos quanto à veracidade do que se é comunicado.

Embora a propagação de mentiras não seja um fenômeno novo (Altares, 2018), o ambiente digital apresenta características únicas que amplificam seus efeitos. Vários termos são utilizados para corresponder ao fenômeno da desinformação: conteúdo falso, rumor, fraude, manipulação e, o mais conhecido, *fake news*.

Nos estudos sobre desinformação, destacam-se as contribuições de Claire Wardle e Hossein Derakhshan, que propuseram o conceito de “desordem informacional” para classificar diferentes tipos de conteúdos problemáticos que circulam no ecossistema midiático contemporâneo. Eles definiram 3 tipos de desordem informacional: desinformação (*Dis-information*), informação falsa (*Mis-information*) e informação maliciosa (*Mal-information*). (Wardle e Derakhshan, 2023).

Conceito	Significado
Desinformação (Dis-information)	Ocorre quando a informação falsa é deliberadamente compartilhada com a intenção de causar danos
Informação Falsa (Mis-information)	Ocorre quando informação que é falsa é compartilhada, mas sem a intenção de causar danos
Informação Maliciosa (Mal-Information)	Ocorre quando informação genuína é compartilhada com a intenção de causar danos, muitas vezes movendo para a esfera pública informações que deveriam permanecer privadas

Fonte: produção da autora, a partir de Wardle e Derakhshan (2023, p. 07)

Uma pesquisa realizada por Guess *et al.*, (2019), revela que uma das grandes vítimas da desordem informacional é justamente a pessoa idosa. Ao investigarem o compartilhamento de notícias falsas pela plataforma *Facebook*, durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, eles perceberam que o fator idade é o indicador mais forte, identificando que usuários com mais de 65 anos compartilharam quase sete vezes mais artigos com notícias falsas do que o grupo mais jovem (Guess *et al.*, 2019).

Uma questão importante é o envelhecimento populacional. De acordo com dados do último censo do IBGE (2022), em doze anos a população brasileira com mais de 60 anos subiu de 20,5 milhões para mais de 32 milhões de pessoas. Um aumento de 56%. Hoje, o Brasil tem mais idosos do que jovens, fato que reforça que o país precisa adaptar políticas públicas para a terceira idade.

Mas, apesar de pesquisas apontarem o idoso como um público mais propenso a compartilhar conteúdo falso, a maior parte das ações de educação midiática acontece com jovens (Boler *et al.*, 2025).

Barsotti (2024) afirma que há lacunas na alfabetização digital da pessoa idosa, o que prejudicaria o reconhecimento de possíveis conteúdos desinformativos. Alguns estudos afirmam que a alfabetização digital limitada dos idosos pode explicar maior predisposição para não reconhecer quando uma notícia é falsa (Moore e Hancock, 2022) e, assim, gerar o compartilhamento da informação falsa (*mis-information*) citada por Wardle e Derakhshan (2023). Eles vivenciaram uma época em que poucos detinham o controle da informação e, mesmo quando eram expostos a conteúdos falsos, sua propagação era menos intensa, pois os custos para a criação de conteúdos eram altos (Han, 2022).

Apesar de os idosos terem vivenciado as transformações tecnológicas e, com isso, desenvolvido um senso crítico que os ajuda a desconfiar de informações falsas (Palfrey e Gasser, 2011), a maioria não está acostumada à enxurrada de estímulos e à velocidade da informação na internet, o que gera sobrecarga em um mundo em que estamos inundados de informação (Han, 2022).

Hoje já não há mais o controle de quem detém a informação e somos afetados por um grande volume de conteúdos, seja pela televisão, rádio, *outdoors* ou internet. Este último exemplo, na verdade, é o responsável pelo aumento de propagação de informação, principalmente com a popularização dos *smartphones*, que têm como característica a conexão ininterrupta.

O fenômeno da desinformação decorre de um conjunto de fatores, incluindo o isolamento, as relações sociais apoiadas em amigos e familiares próximos, a confiança em veículos tradicionais de mídia, o uso de redes sociais, além de causas naturais, como a perda cognitiva. Há, também, a importância da identidade política consolidada, que cria um filtro que faz com que as pessoas mais velhas reforcem o desejo de validar as próprias ideias, mesmo quando elas possuem uma aparência de notícia falsa (Lyons *et al.*, 2024).

Contudo, como será evidenciado na análise dos artigos desta revisão sistemática, é importante ressaltar que as pessoas idosas não constituem um grupo homogêneo diante da desinformação (Pasitselska, 2024). A vulnerabilidade desse público, quando ocorre, está associada também a fatores como gênero, nível socioeconômico e acesso à educação, o que sugere a necessidade de abordagens que considerem essa diversidade.

A partir deste contexto, evidencia-se a necessidade de discutir e pesquisar estudos que colaborem com a capacitação do idoso a ter um olhar mais crítico sobre as informações que recebem e compartilham, entender como eles avaliam os conteúdos compartilhados e o que os motiva a passar adiante informações online (Seo *et al.*, 2021). A literatura acadêmica pode ajudar a elucidar como ocorre a avaliação de conteúdos e quais fatores impulsionam a propagação de desinformação, de modo a situar a educação midiática para idosos como uma intervenção estratégica para viabilizar esse processo.

Assim, esta pesquisa se justifica pela necessidade de analisar como a educação midiática tem sido trabalhada com pessoas idosas, oferecendo uma contribuição na área de comunicação, especialmente em um contexto de um campo heterogêneo, em áreas diversas como educação, gerontologia, psicologia e ciência da informação. Essa dissertação também se preocupa em trazer uma compreensão ampliada sobre o papel dos idosos como atores ativos no processo comunicacional, ao discutir artigos que falam sobre a associação entre envelhecimento e maior vulnerabilidade à desinformação.

Com a intenção de colaborar com futuras pesquisas sobre o tema, foi realizada uma revisão sistemática para, também, identificar como a literatura científica sobre educação midiática tem contribuído para uma reflexão relacionada ao desenvolvimento crítico das pessoas idosas no contexto da desinformação.

Para tanto, esta pesquisa está estruturada em quatro capítulos. No primeiro é apresentado um marco teórico que aborda conceitos de desinformação e educação

mediática, além de trazer estudos da psicologia sobre perda cognitiva com o passar do tempo. O segundo capítulo apresenta a metodologia, com detalhamento do processo de organização desta revisão sistemática e seleção dos artigos que foram analisados. A análise dos resultados desses artigos entra no terceiro capítulo, seguido pela discussão desses resultados.

1 MARCO TEÓRICO

1.1 Desinformação

O problema da desinformação não é um fenômeno novo. Mesmo antes da invenção da prensa, quando a palavra oral era o principal meio de comunicação, algumas inverdades eram repassadas, porém não chegavam a predominar na opinião pública (Harari, 2024).

O que é novo, portanto, não é a disseminação de informação falsa (Altares, 2018), mas sim o modo como as desinformações são produzidas, com a tecnologia da informação, onde todos têm a possibilidade de produzir e divulgar notícias (Da Silva, 2019). E essa velocidade de difusão possibilitou que a desordem informacional ganhasse espaço na mídia e na vida de todas as pessoas, de forma cotidiana.

Mas quando uma informação passa a ser desinformação? As bases da ciência da informação foram estabelecidas a partir de um trabalho de Claude Shannon, intitulado “Uma teoria matemática da comunicação” e publicado em 1948. Neste documento, Shannon introduziu o conceito de “bit” como uma unidade fundamental de medida da informação. Essa teoria, de acordo com James Gleick (2013), trouxe um impacto profundo e abrangente ao construir uma ponte entre a informação e o caos. Mas procurar a ordem em meio ao caos é um trabalho árduo, principalmente quando esse caos é representado pela sobrecarga de informações, momento que vivenciamos atualmente. Um sintoma disso é o fato de que, como afirma Gleick, “depois que surgiu a teoria da informação, logo se seguiram a sobrecarga de informação, saturação de informação, ansiedade de informação e fadiga de informação” (Gleick, 2013, p. 330). Essa constatação evidencia que a onipresença de dados e a facilidade técnica de transmissão não garantiram a clareza do conceito; pelo contrário, a saturação parece ter obscurecido a compreensão essencial do termo, tornando ainda mais complexa a tarefa de delimitá-lo.

Harari (2024) afirma que o entendimento mais comum que se chegou por biólogos e filósofos é o de que a informação é o componente mais básico da realidade (Harari, 2024). O autor sugere que a principal função da informação é o de colocar as coisas em formação e permitir a criação de redes de cooperação. Ele também critica a associação de informação com verdade. Para ele, informação não é conhecimento, pois

este é raro e valioso, mas dentro da informação pode haver, sim, desinformação, como as distinguidas por Wardle e Derakhshan (2023).

De acordo com Littrell e Fugelang (2023), parte do processo que leva as pessoas a confundir notícias falsas como verdadeiras se deve a falhas metacognitivas (falhas na consciência e na percepção que a pessoa tem de seus próprios processos de pensamento e habilidades) e ao excesso de confiança. O estudo dos autores aponta que os indivíduos mais suscetíveis possuem um ponto cego, superestimando sua própria habilidade de detecção e acreditando serem melhores nisso do que a média das outras pessoas. Esse fenômeno é denominado efeito Dunning-Kruger. Isso pode ser particularmente efetivo em pessoas idosas, habituadas às mídias tradicionais e (como a maioria das pessoas de qualquer idade) com lacunas na compreensão dos aspectos técnicos que envolvem o repasse de informações na internet. Por esse motivo, a compreensão do funcionamento dos algoritmos (que permite entender porque algumas informações alcançam mais pessoas do que outras), o entendimento de que o ato de compartilhar não necessariamente acompanha um ato de endosso ao que foi compartilhado e a consciência sobre como a estrutura de engajamento das redes sociais favorece práticas como o *clickbait* (Brashier e Schacter, 2020), se mostram determinantes na forma como compreendemos os efeitos da desinformação na vida das pessoas.

Compreender o funcionamento da *web* e o modo como estratégias de personalização de conteúdo são construídas, permite entender a necessidade de desenvolvimento de habilidades críticas. Eli Pariser (2012) argumenta que os algoritmos de personalização, ao selecionarem conteúdos baseados nos históricos de navegação e nas preferências dos usuários, criam um ecossistema informacional. Para o autor, esta forma de procedimento nos insere em um filtro-bolha, que acaba deixando cada pessoa isolada dentro de um conjunto de conteúdos, limitando, assim, a amplificação de perspectivas e a diversidade de informações a que se é exposto.

Essa curadoria, que é mediada por algoritmos e acontece de modo invisível, acaba contribuindo para o viés de confirmação, fazendo com que as pessoas sejam constantemente impactadas por conteúdos que corroboram suas crenças. Esta prática acaba por criar um terreno fértil para a desinformação, já que os conteúdos, notícias e informações que a pessoa passa a receber chegam com uma impressão de consenso e validação. Sair dessa bolha, contudo, é possível. Mas o caminho para este processo

depende da aquisição de habilidades críticas, que podem ser desenvolvidas por meio da educação midiática.

1.2 Educação Midiática

A reflexão sobre a educação midiática não é uma decorrência das tecnologias digitais do século XXI. Termos como alfabetização midiática, educomunicação e literacia digital já aparecem na bibliografia acadêmica pelo menos desde a década de 1960 (Pires *et al.*, 2023). A área ganha força após a realização do Simpósio Internacional sobre Educação para a Mídia, organizado em Grünwald (Alemanha) pela Unesco, em 1982, que produziu a “Declaração de Grünwald sobre Educação para os Media”, defendendo a comunicação e a educação como dois elementos importantes para uma educação transformadora.

Diante dos diversos termos mencionados anteriormente, a opção pelo termo Educação Midiática nesta pesquisa se dá pela frequência com que a expressão tem aparecido em pesquisas acadêmicas e na literatura científica em geral, fato que levou a ser utilizada inclusive em políticas públicas no Brasil, como se pode observar pelo lançamento, em 2023, da Estratégia Brasileira de Educação Midiática (Ebem), documento que oferece iniciativas de educação para as mídias desenvolvidas pelo Governo Federal.

Um dos grandes marcos de entrega da Ebem foi o lançamento, no ano seguinte, da Coletânea Educação Midiática, uma parceria com o Ministério da Educação e Organizações da Sociedade Civil dedicadas ao tema. A iniciativa oferece uma série de cursos para a formação de professores e demais educadores e o enfrentamento à desinformação está inserida nesta coletânea, com gamificação e cartilhas que ensinam como identificar uma informação falsa. Como reforço de um trabalho de enfrentamento à desinformação, em 1º de outubro de 2024, Dia Internacional e Nacional da Pessoa Idosa, o Governo Federal também lançou um repositório de educação digital e midiática para pessoas da terceira idade, local em que se encontram orientações, aulas e conteúdos pensados para esse público (SECOM, 2024).

Para além de se definir o termo mais adequado a ser utilizado, há o entendimento de que a educação midiática tem um conceito maior do que o de alfabetização digital, pois naquela é preciso questionar a veracidade da informação, criticar o formato das mensagens e não apenas ser um leitor bem informado (Hobbs & Jensen, 2009).

Como afirma David Buckingham (2022), a educação midiática, além de trazer um conhecimento crítico, traz a possibilidade não apenas de interpretar o mundo, mas de capacitar os cidadãos para que eles possam exercer seu direito à participação democrática e ao acesso à informação confiável e de qualidade. Para o autor, uma democracia saudável depende de pessoas bem informadas, mas que contem também com habilidades críticas que possibilitem que elas possam exercer sua cidadania (Buckingham, 2022). A compreensão de que a educação midiática pode contribuir com o “fortalecimento da reflexão crítica, da participação e da expressão criativa” (Barreto *et al.*, 2024, p.8) dentro do ecossistema comunicacional é algo extremamente importante em um ambiente em que temos acesso a uma grande quantidade de dados, notícias e conteúdos diversos.

E mesmo que a educação midiática contribua para a uma participação democrática e consciente no processo comunicacional, é importante reconhecer que ela, embora eficaz, não é uma solução isolada para o problema da desinformação. Em relação à educação midiática voltada aos idosos, há achados que mostram que algumas limitações devem ser colocadas em destaque, como a necessidade de considerar fatores sociológicos e a importância de formatos acessíveis e criativos para a faixa etária em questão. Outros problemas que devem ser levados em consideração ao propor a educação midiática para um melhor consumo de conteúdos informativos são a falta de clareza conceitual, a influência da polarização política e a fragilidade na implementação das ações (Gramacho, 2025). Sobre a educação midiática como fator de resolução do problema para a desinformação, Buckingham (2019) argumenta que o problema é estrutural e político, e não apenas individual. Para além do treinamento de usuários, ele defende que a solução exige mudanças na conduta das mídias e no sistema econômico.

No caso das pessoas idosas, especificamente, o desenvolvimento da habilidade crítica e a manutenção de seu potencial criativo é ainda mais essencial, dado também o contexto do envelhecimento, que apresenta desafios naturais ao modo como cada pessoa organiza e compreende as informações.

1.3 Perdas cognitivas entre idosos

A proposta nesta seção não é reforçar que um suposto declínio cognitivo decorrente da idade tende a facilitar, necessariamente, uma suscetibilidade maior em ser vítima de desinformação, mas sim destacar quais são os achados científicos sobre o

tema, de modo que se possa compreender o papel da educação midiática entre idosos e suas potencialidades.

Brashier e Schacter (2020) argumentam que o envelhecimento traz declínios na memória e na recordação, mas não gera impactos significativos no conhecimento geral. Isso é importante porque, apesar dos autores reportarem que os idosos são mais suscetíveis à desinformação, sendo responsáveis por 80% do compartilhamento de *fake news* durante o período das eleições de 2016 nos EUA (Brashier e Schacter, 2020, p.1), eles mantêm um conhecimento acumulado que pode ser útil na avaliação das informações. Assim, eles apontam três explicações possíveis para essa maior suscetibilidade. Em primeiro lugar, há os declínios cognitivos, representados pelo fato de que os idosos tendem a esquecer de onde apreenderam a informação, o que os autores nomeiam como déficit na memória de fonte (*“source memory deficit”*). Esse déficit sugere que as verificações de fatos podem desaparecer da memória, enquanto a desinformação acessada pode continuar efetiva (Brashier e Schacter, 2020, p.2). Ao mesmo tempo, há o que os autores chamam de efeito de verdade ilusória (*“illusory truth effect”*), algo que acontece quando uma repetição aumenta a percepção de verdade. Esse efeito, apesar de estatisticamente ocorrer na mesma medida em jovens e adultos, acaba sendo mais danoso para os mais velhos por conta da combinação com as falhas na memória, o que faz com que eles acabem disseminando notícias falsas mais constantemente, ainda que com objetivos sociais específicos (Brashier e Schacter, 2020, p.3).

Nesse ponto, os autores sugerem as outras duas possíveis explicações para a maior suscetibilidade de idosos compartilharem desinformação: mudanças sociais e analfabetismo digital. Sobre as mudanças sociais, os autores discutem o fato de que a confiança interpessoal tende a aumentar com a idade. Por isso, pessoas mais velhas podem acabar assumindo que uma informação compartilhada por amigos e familiares deve ser mais precisa, já que, em geral, os idosos tendem a priorizar as relações interpessoais à precisão das informações. Sobre o analfabetismo digital, eles destacam a dificuldade de boa parte da população idosa em se adaptar às novas tecnologias, como compreender a presença dos algoritmos e sua influência na presença massiva de determinados conteúdos na *web*. Neste sentido, Brashier e Schacter (2020, p.7), compreendendo que “o declínio cognitivo por si só não explica o envolvimento dos idosos com notícias falsas”, defendem que intervenções de alfabetização digital devem abordar também os fatores sociais em seus objetivos.

Guo *et al.* (2025) apresentam um panorama sobre a criação de memórias falsas com um estudo envolvendo exposição a informações enganosas realizado com dois grupos: 30 adultos jovens (com idade média de 23 anos) e 30 idosos (com idade média de 70 anos). O objetivo da pesquisa era examinar as diferenças de idade na precisão da memória (a quantidade de memórias verdadeiras ou falsas relatadas) e na consistência desses relatos de memória em dois testes sucessivos, em formatos distintos, verbal e pictórico. A pesquisa investigou como a saliência atencional¹ da informação original influencia as diferenças de memória relacionadas ao envelhecimento. Na pesquisa, esperava-se que detalhes mais salientes fortalecessem a memória e reduzissem a percepção de informações falsas e inconsistentes. Os pesquisadores tinham a hipótese de que esse resultado seria mais comum em jovens e pouco recorrente em idosos, o que acabou se confirmando.

No caso dos idosos, 81% das memórias verdadeiras iniciais se mantiveram consistentes, enquanto nos mais jovens o número foi de 91% (Guo *et al.*, 2025, p.971). Os testes realizados pelos pesquisadores reforçam a tese da “teoria do monitoramento da fonte”, que afirma que os idosos têm dificuldade em distinguir detalhes originais e enganosos em uma informação. Mas o estudo, ao reportar que as memórias dos idosos carecem de especificidade e diferenciação (Guo *et al.*, 2025, p.964), oferece uma indicação importante de que ações para idosos, focadas no combate à desinformação, podem ser mais eficazes se tiverem como intenção contribuir com a capacidade destas pessoas em perceber detalhes específicos das informações.

Forlenza *et al.* (2014), em pesquisa sobre neuropsiquiatria geriátrica, destacam que o processo de envelhecimento é marcado por uma dissociação cognitiva, pois enquanto habilidades cristalizadas, como a memória semântica e o repertório de conhecimentos, tendem a se expandir, ocorre um declínio linear nas funções que exigem processamento e transformações de dados em tempo real, especialmente na memória episódica (como recordar uma lista de palavras) e nas funções executivas (como realizar tarefas de planejamento). A memória para a fonte de informação, atrelada ao processo de se lembrar do contexto em que a memorização ocorreu também se altera com o envelhecimento, com perdas funcionais (Forlenza *et al.*, 2014, p.24).

¹ O conceito de saliência atencional se refere a quanto um estímulo é capaz de atrair e reter nossa atenção. Por exemplo, uma notificação de celular com *pop-up* e som alto é mais saliente do que uma notificação em segundo plano.

Essa redução na eficiência operacional e na atenção prejudica a capacidade das pessoas na terceira idade distinguir a fonte de informação e realizar associações livres, tornando-as mais vulneráveis a falhas de monitoramento da realidade. No campo da comunicação, estes dados implicam em consequências para a participação cidadã dos idosos e exige atenção nas estratégias de intervenção de educação midiática que podem ser criadas para diminuir a amplitude destes efeitos.

Conforme argumentado nesta seção, as perdas cognitivas (como déficits na memória de fonte e a menor precisão na distinção de detalhes) oferecem indícios para entendermos a vulnerabilidade dos idosos em relação à desinformação, mas elas não são o único fator. Como apontado por Brashier e Schacter (2020), o analfabetismo digital e os fatores sociais são importantes para este resultado. É justamente nesta interseção entre as limitações naturais do envelhecimento e as lacunas de competência digital (especialmente do ponto de vista da atitude crítica) que a educação midiática se insere como uma estratégia significativa.

2 METODOLOGIA

Para atender ao objetivo de analisar como a literatura científica tem abordado o desenvolvimento da competência crítica informacional da pessoa idosa frente à desinformação, este estudo adota a revisão sistemática de literatura como proposta metodológica, que se justifica pela necessidade de mapear e sintetizar, de forma rigorosa, as iniciativas de educação midiática existentes, permitindo verificar como essas estratégias têm sido efetivamente trabalhadas para o combate à desinformação entre as pessoas da terceira idade.

Para organizar os artigos selecionados neste trabalho, a revisão sistemática segue o Protocolo Prisma. O modelo utilizado, Declaração Prisma 2020, é o mais atualizado, substituindo a Declaração Prisma 2009.

Uma revisão sistemática é um método relevante aqui porque permite não apenas organizar os materiais coletados, mas também construir um bloco de interações com o conhecimento científico disponível, de modo a permitir que outras pessoas possam replicar os dados encontrados e, quando possível, avançar no desenvolvimento do tema ao expandir o escopo em futuras revisões. Para isso, é necessário nos cercar de cuidados diante do processo de seleção dos materiais. De acordo com Cerrão *et al.* (2018), a revisão sistemática de literatura envolve etapas meticolosas como “o levantamento e análise bibliográficos criteriosos, a elaboração de protocolos de busca, a seleção de documentos e a sistematização das pesquisas selecionadas”. Ao mesmo tempo, a revisão sistemática deve permitir a reprodutibilidade das pesquisas já realizadas a partir de uma explicitação do estado da arte.

Tudo isso serve, objetivamente, não só para garantir o acesso aos melhores materiais de pesquisa disponíveis para a realização da revisão, mas também para garantir a transparência e a replicabilidade de todo o processo realizado, já que a revisão sistemática “que não é transparente em seus procedimentos e instrumentos não se mostra replicável” (Lycarião *et al.*, 2023, p.3).

Como meio de construir um caminho de pesquisa coerente com os objetivos e questão de pesquisa desta dissertação e de forma a garantir que a estratégia de busca fosse precisa, utilizamos o modelo PICO (População, Intervenção, Comparação e *Outcome*/Desfecho), apresentado por Santos *et al.* (2007). Esta estrutura tem sido praticada em revisões sistemáticas para traduzir a necessidade de informação em

componentes de busca estruturados. Assim, nesta dissertação, a estratégia foi definida da seguinte forma:

- **População (P):** Pessoas idosas. Grupo trabalhado como foco principal ou como subgrupo significativo analisado.
- **Intervenção (I):** Intervenções, iniciativas, projetos ou experiências formativas voltados ao desenvolvimento de competências de educação midiática ou à avaliação da credibilidade da informação; incluem-se também estudos que mapeiam ou avaliam essas competências e práticas em pessoas idosas;
- **Comparação (C):** Não aplicável como critério restritivo (admitem-se estudos com ou sem grupo de controle, com ou sem pré e pós-teste, incluindo desenhos quantitativos, qualitativos e de métodos mistos);
- **Desfecho (O):** Desfechos relacionados à educação midiática e à competência crítica informacional, incluindo identificação de desinformação, avaliação de fontes e conteúdos, e mudanças em conhecimentos, atitudes ou práticas de consumo e compartilhamento de informação.

Para seguir esta estratégia, detalhamos a seguir nossos critérios de inclusão. O primeiro deles foi o período de publicação, onde selecionamos artigos publicados de janeiro de 2016 até outubro de 2025. O ponto de partida se dá pela tentativa de investigar estudos de educação midiática a partir de um período marcado pelo aumento da desinformação (Gomes *et al.*, 2020; Gramacho e Pereira, 2023), quando fatos importantes reconfiguraram a percepção do público em relação ao poder das mídias sociais na construção dos discursos: as campanhas do Brexit² e da eleição do primeiro mandato de Donald Trump. Não por acaso, em 2016, a palavra do ano escolhida pelo dicionário Oxford foi “pós-verdade” (BBC, 2016). Já a decisão do recorte (outubro de 2025) é justificada pelo tempo necessário para que a leitura e análise dos artigos selecionados fossem realizadas com a atenção devida, sendo dois meses (novembro e dezembro) suficientes na visão da autora desta dissertação.

² Movimento de saída do Reino Unido da União Europeia, ocorrido em 31 de janeiro de 2020. O nome é resultante da junção das palavras British (Britânico) e exit (saída).

Outro critério foi o tipo de estudo, pois foram privilegiados aqueles que descrevem ou avaliam intervenções, programas ou percepções sobre educação midiática para idosos voltados ao combate à desinformação. Assim, não foram incluídos artigos de opinião ou resenhas e essa delimitação assegurou que a análise mantivesse o foco sobre o desenvolvimento da competência crítica.

Como a ideia não é pensar a educação midiática em seu sentido mais amplo, mas em relação a um público específico, entramos aqui em nosso terceiro critério de inclusão: a população. Foram selecionados estudos que incluíam pessoas com mais de 60 anos, mas sem excluir artigos fora do Brasil que utilizaram um recorte de idade inferior e que eram reconhecidos como um público sênior ou adultos mais velhos. Foram considerados apenas artigos em que este grupo é trabalhado como foco principal ou como subgrupo significativo analisado.

O quarto critério foi selecionar relatos de intervenções ou análises que trabalhem a educação midiática relacionada à aquisição de competências para lidar com notícias, informação e desinformação. Esse critério ajudou a excluir pesquisas voltadas em como aprender a acessar a *web*, utilizar recursos disponibilizados pelo governo ou aprender a usar o *smartphone* e redes sociais.

Importante ressaltar que não foi possível incluir estudos cujo texto completo não estivesse acessível, o que aconteceu com dois artigos.

Para começar a revisão a partir destes critérios, foi construído um *string* de busca nas bases de dados acadêmicas. Tendo em vista o objetivo desta pesquisa, o *string* selecionou palavras-chave que facilitem a descoberta de artigos relacionados ao tema:

Tabela 2: primeira versão do *string* para busca

1º String para busca em bases de dados
(“educação midiática” OR “literacia midiática” OR “alfabetização midiática” OR “educomunicação” OR “media literacy” OR “media education” OR “educommunication”) AND (“idoso” OR “pessoa idosa” OR “terceira idade” OR “elderly” OR “older adult” OR “senior citizen”) AND (“desinformação” OR “misinformation” OR “disinformation”)

Fonte: produção da autora

O objetivo foi encontrar pesquisas que ajudassem a compreender como as intervenções ou relatos trabalham no processo de educação midiática, quais

metodologias foram aplicadas e se, após tais ações, houve mudanças significativas positivas nesta relação.

Ao fazer uma primeira busca, foi encontrada uma quantidade alta de artigos relacionados. Ao analisar os resultados, porém, percebeu-se que pesquisas que abrangem estudos de educação midiática abordam o problema da desinformação, mas muitas que abordam desinformação não falam de educação midiática. Portanto, para um alcance mais efetivo, foi retirada a palavra-chave “desinformação” do *string* e iniciada uma nova pesquisa, agora com as seguintes palavras-chave:

Tabela 3: segunda versão do *string* para busca

String final para busca em bases de dados
(“educação midiática” OR “literacia midiática” OR “alfabetização midiática” OR “educomunicação” OR “media literacy” OR “media education” OR “edukommunikation”) AND (“idoso” OR “pessoa idosa” OR “terceira idade” OR “elderly” OR “older adult” OR “senior citizen”)

Fonte: produção da autora

Este *string* foi usado para buscas de artigos nas bases de dados Web of Science, Scopus, ProQuest, Education Resources Information Centre (ERIC), Communication Research e Digital Journalism. Ao utilizar o *string* selecionado, um total de 1.424 artigos foram encontrados nas bases de dados citadas. Desse total, após finalizar todas as etapas do protocolo PRISMA, 19 foram selecionados, por se encaixarem no objetivo desta dissertação. Para chegar a esse número final, o primeiro passo foi verificar as 1.424 pesquisas para identificar se havia algum trabalho duplicado, ou seja, que está em mais de uma base de dados. Esta primeira triagem encontrou 24 artigos duplicados. Para realizar esta tarefa, foi utilizado o *software* Rayyan³, que detecta automaticamente as cópias, que foram depois verificadas uma a uma, chegando ao número apontado anteriormente. Depois, o Rayyan colaborou na realização de triagem dos artigos selecionados.

Primeiro, foi feita a exclusão de um grande número de artigos que estavam fora do escopo desta pesquisa e que foram identificados por meio da seleção que o *software* faz de palavras-chave e análise de títulos e resumos. Quando os textos mencionavam idosos de maneira periférica ou quando não tinham enfoque na

³ Disponível em: <https://www.rayyan.ai/>

desinformação, por exemplo, eles eram marcados na plataforma. Após checagem, esses estudos foram retirados manualmente com auxílio da ferramenta, que também foi útil na leitura de títulos e resumos.

O objetivo aqui foi identificar se as pesquisas selecionadas eram efetivamente sobre educação midiática com idosos para combater a desinformação. Após a leitura dos títulos, identificamos que a maioria, ou se concentrava em educação midiática para crianças e adolescentes, ou na relação da pessoa idosa com as tecnologias de informação, sem abordar o consumo de informação nas mídias digitais. Dessa forma, com o auxílio dos recursos de palavras-chave do *software* e a leitura dos títulos, foram excluídos 1.325 trabalhos sem conexão com o tema, restando 75 para a leitura.

Mesmo que os títulos dos 75 artigos mostrassem uma aproximação com o objetivo desta dissertação, era necessário ainda fazer a leitura do resumo de cada pesquisa para ter a certeza de que elas estavam dentro do proposto: mapear artigos que identifiquem iniciativas de educação midiática voltada aos idosos com o objetivo de combater a desinformação. Ao ler o resumo dessas 75 seleções, foram encontrados 56 trabalhos que não tinham essa intenção e, portanto, restaram 19 para compor o mapeamento.

A partir deste ponto buscou-se o acesso aos arquivos PDFs dos artigos completos, sendo que não foi possível o acesso a duas pesquisas. Diante desta exclusão, restaram 17 textos para a leitura completa. Agora, era necessário ler esses 17 artigos para saber se realmente eles se encaixavam no objetivo desta dissertação. Três pesquisas foram excluídas: uma por não se concentrar na pessoa idosa (era voltada a adultos) e duas por não estarem voltadas ao combate à desinformação, fazendo, assim, com que restassem 14 trabalhos para compor o mapeamento.

Ainda que a forma como a seleção de artigos tenha sido construída com base em técnicas consolidadas e coerente com a dinâmica acadêmica, verificou-se a ausência de trabalhos brasileiros neste mapeamento.

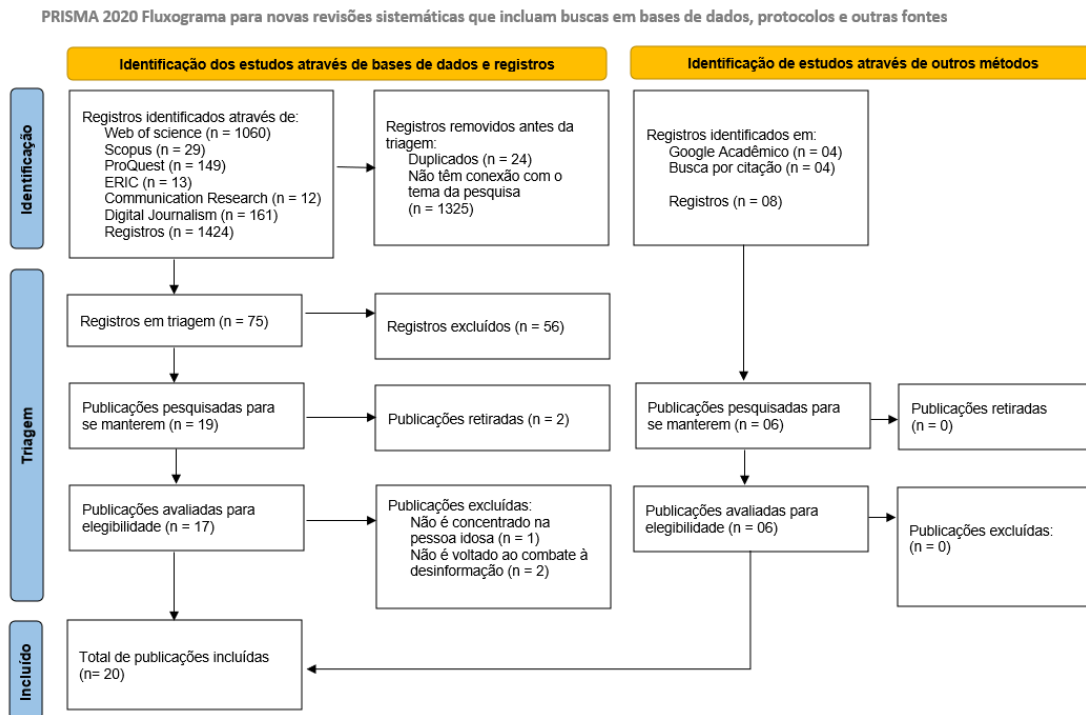
Para tanto, foi realizada uma busca complementar, que é uma prática reconhecida em revisões sistemáticas, denominada “área cinzenta” (Mahood *et al.*, 2014), para ampliar a representatividade geográfica do corpus. Esta estratégia é recomendada para mitigar o viés de publicação e ampliar a cobertura de estudos.

Ao utilizar o mesmo *string*, quatro artigos foram encontrados, porém dois deles não tinham realmente aproximação com o tema. Dos dois trabalhos que ficaram, identificou-se nas referências mais quatro trabalhos que mostram relação com o que é

proposto nesta dissertação. No campo da “área cinzenta” foram identificadas, no total, seis pesquisas para se juntar às 14 já previamente selecionadas. Portanto, são 20 trabalhos que irão compor o mapeamento desta dissertação.

Na imagem a seguir é possível ver a aplicação do processo descrito mais acima no Fluxograma PRISMA 2020:

Imagem 1: Fluxograma PRISMA 2020



Fonte: Fluxograma PRISMA 2020, preenchido pela autora

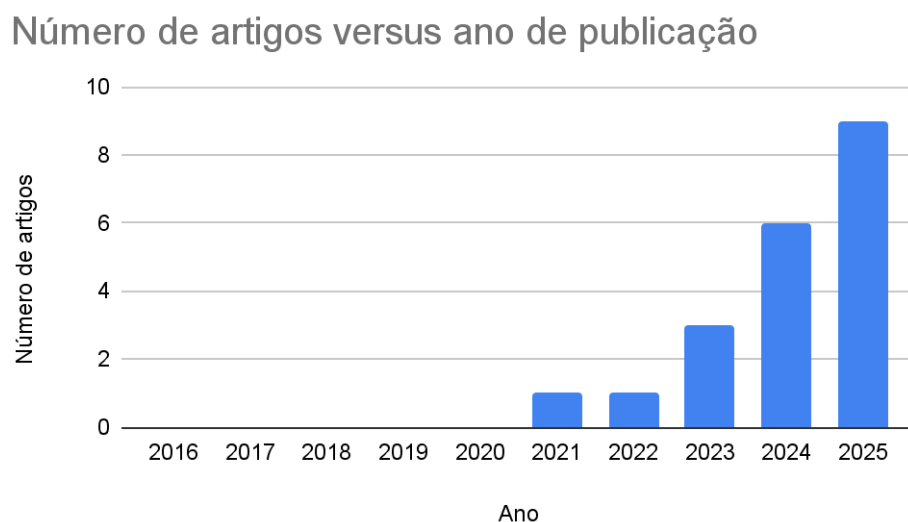
Este processo permitiu chegar ao conjunto de artigos listados no Apêndice A.

Diante do que foi exposto, a leitura dos artigos selecionados possibilitará fazer um relato deles, identificando seus métodos e resultados e, assim, organizá-los de forma sintetizada para ajudar em futuros trabalhos sobre o tema.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os artigos analisados nesta revisão sistemática apresentam um panorama da produção acadêmica recente sobre a educação midiática voltada para a pessoa idosa. Dentre os materiais selecionados, segue a configuração de publicações por ano:

Gráfico 1: Evolução das pesquisas por ano



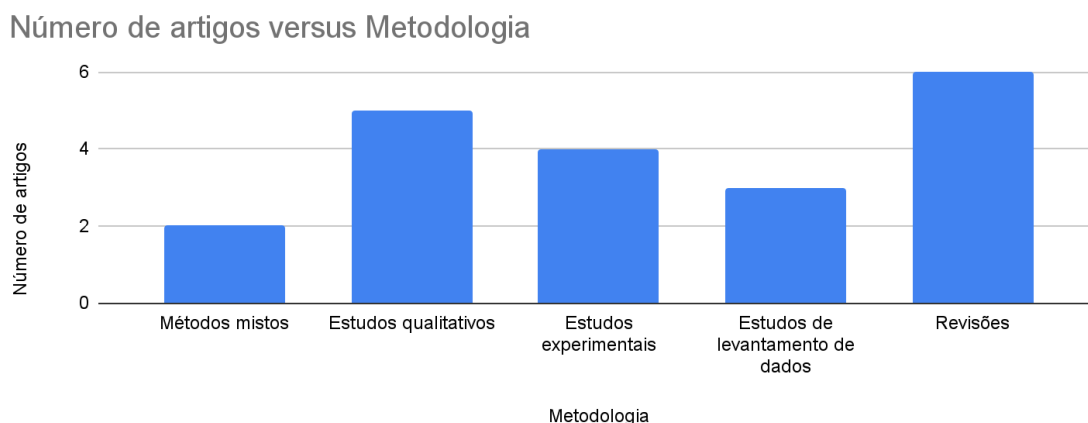
Fonte: produção da autora⁴

A partir do recorte, houve um crescimento significativo de materiais relevantes reunindo as características escolhidas para a análise. Apesar de a busca partir de 2016, os primeiros artigos selecionados datam de 2021 e 2022 (um artigo para cada um desses anos). Depois, três de 2023, cinco em 2024 e nove em 2025, refletindo o crescente interesse pelo tema e consequente avanço nos estudos desenvolvidos.

Em relação às categorias metodológicas, segue a disposição a seguir:

⁴ Para a lista completa de artigos analisados na revisão sistemática, ver Apêndice A.

Gráfico 2: Disposição dos artigos por categorias metodológicas



Fonte: produção da autora⁵

Dentre os estudos selecionados, seis são revisões, incluindo artigos que sintetizam e avaliam pesquisas existentes. Há quatro trabalhos de estudos experimentais, agrupando artigos que envolvem intervenções ou experimentos. Também há três estudos de levantamento de dados, com artigos que utilizam pesquisas, questionários ou levantamento de dados de campo. Os estudos qualitativos, como estudos de caso, pesquisa-ação e grupos focais são cinco. Por fim, duas pesquisas utilizam abordagens que foram classificadas aqui como métodos mistos, por utilizarem estudos qualitativos e levantamento de dados.

Para estruturar a análise, os resultados e suas conexões serão detalhados em blocos, segmentados por metodologia. Assim, a seguir, haverá a análise dos artigos em quatro subtópicos: revisões, estudos de levantamento de dados, estudos qualitativos e experimentais. Os dois artigos que estão listados como “métodos mistos” serão analisados dentro das categorias “estudos qualitativos” e “levantamento de dados”, porque esses são os métodos presentes neles. A partir desta divisão, iniciaremos a apresentação dos resultados nos subtópicos a seguir.

3.1 Revisões

Considerando o cenário discutido anteriormente no marco teórico, é importante mapear como o campo acadêmico tem proposto ações práticas para não apenas diagnosticar a suscetibilidade dos idosos, mas também para pensar em

⁵ Para detalhamento da disposição dos artigos por categorias metodológicas, ver Apêndice B

estratégias de transformação deste cenário. Neste sentido, para oferecer um panorama do estado da arte sobre o tema, esta seção analisa revisões de literatura dedicadas à educação midiática para idosos. Estas revisões sistematizam o conhecimento recente sobre o assunto, identificando tendências, lacunas e convergências metodológicas para compreender como a ciência tem estruturado o combate à desinformação entre os idosos.

Inicialmente, percebemos que um primeiro elemento comum aos seis estudos que analisaremos aqui é o reconhecimento de que a educação midiática deve ser compreendida como um campo multidimensional, envolvendo competências cognitivas, críticas, distinções de gênero e de escolaridade.

Rasi *et al.* (2021), por exemplo, querem entender quais tipos de intervenção têm sido implementadas com este público, a partir de três dimensões específicas: usar, compreender e criar. A maioria dos artigos selecionados por eles, entre 2005 e 2019, relatava intervenções relacionadas ao uso de tecnologias, incluindo uso de aplicativos, *softwares* etc. Em relação à capacidade, compreensão e avaliação de informações, 11 artigos mencionavam alguma intervenção correlacionada. Por fim, apenas sete artigos entre os 40 abordaram alguma estratégia na categoria de criação, produção de conteúdo ou algo semelhante (Rasi *et al.*, 2021, p.41-42). Este dado, mostra que, nos artigos analisados na revisão, a capacidade das pessoas idosas de compreender e criar conteúdos, especialmente no sentido de aquisição de competências para a cidadania, recebeu menos atenção.

Essa informação revela uma tendência importante, que servirá de base para a revisão realizada aqui, pois é essencial observar se os estudos recentes têm se voltado para o desenvolvimento de habilidades críticas e não meramente operacionais (relacionadas a como utilizar aplicativos, navegadores de internet etc).

Um detalhe é que os critérios de seleção adotados nesta dissertação encontraram um maior número de estudos sobre o tema publicados em 2025, o que pode sugerir que estudos atuais de revisão já conseguem um olhar diversificado em um campo em crescimento, especialmente após as crises de confiança na informação (que decorrem desde a eleição presidencial de 2016 nos EUA) e após a pandemia que se iniciou em 2020.

A revisão de d’Haenens *et al.* (2025) demonstra que intervenções focadas em uma abordagem multifacetada são mais desejáveis tendo em vista sua efetividade. Isso significa, por exemplo, que se deve produzir materiais distintos para diferentes

parcelas da população, com métodos interativos para públicos jovens e foco em habilidades digitais para idosos (d’Haenens *et al.*, 2025, p.17). A pesquisa buscou trabalhos publicados entre os anos de 2012 e 2022.

De acordo com os autores, que procuram investigar os efeitos das intervenções midiáticas com base em sua efetividade, dos 119 estudos analisados, apenas 24 efeitos foram testados em pessoas da terceira idade (d’Haenens *et al.*, 2025, p.11) e, para efeito de contraste, 94 foram medidos com participantes infantis (d’Haenens *et al.*, 2025, p.08). Esse é um ponto de destaque que mostra que os idosos foram sub-representados na amostra geral, algo que é corroborado pelo fato de que os autores perceberam que “nenhum efeito foi testado para resultados cívicos/participativos, cognitivos, educacionais/de aprendizagem ou de aceitação de tecnologia em idosos” (d’Haenens *et al.*, 2025, p.12, tradução própria). Os poucos efeitos que foram testados para o público idoso estão na categoria de habilidades digitais ou bem-estar psicológico.

De forma complementar a esta abordagem, a revisão desenvolvida por Boler *et al.* (2025), que pesquisou artigos publicados entre 2016 e 2022, identifica uma ampla gama de intervenções, como *workshops*, intervenções baseadas em jogos, atividades *online* etc. Os autores partem de duas perguntas centrais: “Qual é o estado atual da investigação sobre programas de literacia midiática para adultos que visam a desinformação, particularmente nas ciências sociais e na educação?” e “Que recomendações as intervenções e os especialistas em literacia midiática fornecem para promover eficazmente a literacia de adultos em matéria de desinformação?”. Apesar de se voltar para o público adulto em geral, a pesquisa faz uma análise de aspectos importantes relacionados a pessoas na terceira idade. De um lado, os autores apontam que os idosos são mais propensos a compartilhar desinformação do que as populações mais jovens (Boler *et al.*, 2025, p.2), mas apesar disso o número de publicações encontradas trata mais de educação midiática para jovens do que para idosos. No caso desta revisão foram analisadas 106 publicações voltadas para jovens e apenas 17 para pessoas idosas (Boler *et al.*, 2025, p.8). Neste sentido, os autores ressaltam haver uma oportunidade não aproveitada, de fomentar ações para o público idoso, que, além de necessitar de tais iniciativas, teria a vantagem de ter mais tempo livre e maior probabilidade de engajamento cívico e político.

Um estudo de revisão com enfoque distinto, e que incorpora um tema relevante do momento atual, é a pesquisa de Martín-Martín e Aguaded-Gómez (2025),

que estabelece uma relação entre educação midiática, inteligência artificial e envelhecimento. Essa revisão, que selecionou artigos publicados entre 2015 e 2024, analisa como tecnologias baseadas em IA impactam o consumo de informação por idosos e analisa de que maneira a IA poderia ser utilizada como estratégia de educação midiática. Os autores da pesquisa concluem que há “evidências de que a IA pode atuar como um agente educacional eficaz, facilitando a alfabetização digital e promovendo o bem-estar emocional dos idosos” (Martín-Martín e Aguaded-Gómez, 2025, p.9, tradução própria), mas não deixam de apontar para os cuidados que se deve ter em relação a esta interseção de áreas, especialmente no que se refere às questões éticas.

De qualquer forma, há aqui um dado importante de reflexão sobre a ampliação do escopo tradicional da educação midiática. Esta ampliação conceitual está alinhada com o estudo de Gil Quintana *et al.* (2025), que examina a evolução da produção acadêmica sobre redes sociais e idosos entre 1995 e 2023. O estudo mostra um crescimento expressivo das publicações a partir de 2012 (Gil Quintana *et al.*, 2025, p.9).

Para os autores as pesquisas sobre redes sociais mostram que há algumas áreas de interesse que podem ser priorizadas quando se fala em estratégias de educação midiática, como exclusão digital, desafios de acesso a tecnologia, combate à desinformação e publicidade enganosa, saúde e bem-estar e isolamento social. Na opinião dos autores, as ações de educação em ambientes formais e não formais podem contribuir com o desenvolvimento crítico das pessoas idosas, especialmente quando construídas a partir de um viés mais prático, voltada para o desenvolvimento de habilidades que possam contribuir para que as pessoas consigam navegar com segurança nas plataformas (Gil Quintana *et al.*, 2025, p.18).

Esses aspectos abordados nessa pesquisa mostram que a relação entre envelhecimento e uso de mídias digitais se tornou um campo estratégico, mas ainda não suficientemente explorado dentro das pesquisas nas áreas de comunicação e educação.

Neste sentido, o estudo de Roschke e Bartlett (2025) oferece um panorama importante para refletirmos sobre os riscos associados à baixa capacidade crítica de adultos (incluindo os idosos) no trato com as informações. As autoras argumentam que níveis reduzidos de educação midiática estão associadas a maior suscetibilidade à desinformação, menor participação cívica e riscos à democracia, especialmente no que

se refere às habilidades que as pessoas necessitam para avaliar informações e posições sobre questões polêmicas (Roschke e Bartlett, 2025, p.56).

A pesquisa, em formato de revisão narrativa, aborda um panorama de ações e estratégias que têm sido aplicadas nos EUA, e aponta uma lacuna na formação de educação midiática para idosos, já que as pessoas mais jovens recebem educação midiática em algum ponto de sua formação, enquanto os adultos mais velhos são em sua maioria autodidatas e tendem a receber mais informações políticas (Roschke e Bartlett, 2025, p.54). Neste sentido, sugerem as autoras, “as universidades e outras instituições comunitárias têm um papel importante em ajudar as pessoas a lidar com a avalanche de informações políticas durante os ciclos eleitorais e além deles” (Roschke e Bartlett, 2025, p.56, tradução própria).

De forma geral, todas as revisões analisadas neste tópico convergem para alguns pontos em comum:

1. O reconhecimento da educação midiática como estratégia importante no combate à desinformação;
2. A constatação da escassez de intervenções especificamente voltada a idosos (apesar do reconhecimento da vulnerabilidade deste público);
3. A necessidade de que estas estratégias, caso ocorram, devam adotar uma postura crítica e prática, indo além do ensino instrumental de tecnologias;
4. A verificação de que há um crescimento recente na produção acadêmica sobre o assunto, com a maioria dos estudos de revisão analisados aqui publicados em 2025, refletindo uma consolidação do interesse científico pela interseção entre educação midiática, desinformação e envelhecimento.

3.2 Estudos de levantamento de dados

Foram identificados cinco estudos que utilizam levantamento de dados, sendo que três pesquisas são exclusivamente desta categoria e duas se adequam a métodos mistos. Elas revelam que, embora os idosos utilizem cada vez mais a internet para comunicação e informação, persistem lacunas graves em suas competências digitais e na oferta de cursos especializados.

A pesquisa de Hossová (2023) aprofundou-se nas competências críticas com questões como: “Existem leis que regulam a mídia?”, “Você acha que o dono da mídia tem influência sobre o que é noticiado?”, “Se você sente que uma informação na internet não é verdadeira, o que você faz?”. Os resultados alcançados nesta pesquisa realizada na Eslováquia permitem identificar níveis variados de habilidades entre os idosos, associados a fatores como escolaridade, acesso à tecnologia e experiência prévia com mídias digitais.

O estudo mapeou habilidades de educação midiática entre idosos em três áreas: habilidades de usuário (relacionadas ao uso de equipamentos e *softwares*), habilidades de compreensão crítica e habilidades de comunicação. A pesquisadora apontou, a partir de seus resultados, que o estado atual das habilidades de idosos está apenas no nível básico daquilo que é desejado. As habilidades de usuário são insuficientes, o que é demonstrado pelo fato de que apenas 43,9% dos idosos sabem usar um editor de texto. Nas habilidades de compreensão crítica, notou-se uma lacuna na verificação de informações, com 75,7% dos idosos preferindo formar opinião baseada em suas próprias convicções em caso de dúvidas. Em outra questão, verificou-se que apenas 36,5% procuram e comparam a informação em outra fonte (sendo que esta seria a prática recomendada). As habilidades de comunicação são as mais fracas, sendo limitadas a interações sociais, como uso de *apps* de mensagens e com baixo engajamento cívico (capacidade de participar de assinatura de petições, publicações de textos próprios etc).

Ao fim, a autora acaba por concluir que há tanto grupos com competências midiáticas bem desenvolvidas quanto segmentos desse público com grandes dificuldades em sua capacidade de avaliar notícias de forma crítica. Assim, ela traz um dado relevante sobre os idosos eslovacos (mas que talvez seja algo comum a pessoas desta idade em outros países), quando afirma que “os idosos eslovacos não são criadores ativos de conteúdos midiáticos e o seu nível de participação e envolvimento no espaço público também é baixo” (Hossová, 2023, p.71, tradução própria). Esse é um aspecto importante, porque situa as pessoas idosas de forma predominante entre aqueles que consomem e repassam informação mais do que entre aqueles que vão produzi-la.

A pesquisa de Souza *et al.* (2024), encontra resposta semelhante, indicando que a identificação de notícias falsas ocorreu com a ajuda de parentes ou amigos, e não por iniciativa autônoma de checagem em agências verificadoras ou sites oficiais (Souza *et al.*, 2024, p.9).

Embora essa rede de apoio seja valiosa para o suporte social, ela representa uma fragilidade no combate à desinformação, pois a verificação torna-se refém da competência midiática do círculo social da pessoa idosa, e não de sua própria autonomia crítica. No estudo, as perguntas centrais incluíram: “Você já foi vítima de alguma notícia falsa por meios digitais?”, “Por qual meio essa notícia chegou até você?”, “Como você descobriu que tinha sido vítima de uma desinformação?” e “Quanto [sic] importante você considera a disponibilização de cursos de tecnologias do cotidiano ou de mídias digitais para idosos?” (Souza *et al.*, 2024, p.20-21).

Um achado crítico, especialmente no contexto brasileiro, é a defasagem entre a necessidade diagnosticada e a oferta de políticas públicas. A pesquisa documental realizada nas Universidades Abertas à Pessoa Idosa (UNAPIs) das instituições federais brasileiras mostrou que, de 36 universidades que possuem o programa, apenas 11 oferecem cursos voltados para alguma ação de educação midiática (Souza *et al.*, 2024), e muitas apresentam sites desatualizados ou de difícil acesso, o que contrasta com o Estatuto da Pessoa Idosa, que preconiza a integração dessa população à vida moderna.

Uma curiosidade nos achados destes levantamentos vem de Montiel Torres *et al.* (2025), que identificaram que os idosos com mais de 75 anos mostram maior segurança em sua capacidade de identificar notícias falsas do que os jovens, o que pode indicar um excesso de confiança ou uma menor consciência das complexidades do ecossistema digital. Os autores verificaram que, entre as pessoas com mais de 75 anos, mais de três em cada quatro acreditam que é fácil identificar uma notícia falsa, o que gera um contraste significativo com o público mais jovem (entre 15 e 24 anos), que “reconhece sua vulnerabilidade face à desinformação (apenas 62,4% indicam que é fácil detectá-la)” (Montiel Torres *et al.*, 2025, p.383, tradução própria).

As perguntas do estudo focaram na autopercepção da habilidade e na atribuição de responsabilidade, por exemplo: “Você considera fácil identificar notícias ou informações que, em sua opinião, distorcem a realidade?”. E também buscaram coletar opiniões sobre se os meios de comunicação convencionais ou as redes sociais geram “muita, bastante, pouca ou nenhuma desinformação” (Montiel Torres *et al.*, 2025, p.376, tradução própria).

Para fundamentar o impacto científico da educação midiática, os pesquisadores utilizaram metodologias que buscavam não apenas quantificar o acesso, mas qualificar o entendimento e a reação dos idosos frente à desinformação. O estudo

mostra que as pessoas idosas fazem parte de um grupo especialmente vulnerável, principalmente quando há uma conjunção de fatores, como a menor escolaridade e padrões informativos mais tradicionais, dado que a confiança em meios tradicionais e em mensagens compartilhadas por contatos reduz a atitude crítica diante de conteúdos falsos.

Os autores argumentam que as pessoas que utilizam os meios tradicionais para se informar tendem a ter uma percepção positiva deles, algo distinto de quem utiliza prioritariamente as redes sociais (Montiel Torres *et al.*, 2025, p.387,). Como idosos, em grande parte, consomem mais mídias tradicionais, essa percepção acaba contribuindo para que eles se tornem mais vulneráveis diante de conteúdos falsos.

Seo *et al.* (2021) utilizaram perguntas para analisar o nível de confiança dos idosos em como lidar com as informações encontradas na esfera digital, como por exemplo: “Eu serei capaz de alcançar a maioria das metas que defini ao buscar informações online?” (Seo *et al.*, 2021, p. 8, tradução própria). A esta pergunta e outras que procuravam avaliar o mesmo efeito, a pesquisa identificou que a autopercepção em relação a tecnologias digitais não foi um fator estatisticamente significativo na avaliação da credibilidade de conteúdo por parte deste grupo de idosos. Ao mesmo tempo, o estudo analisou variáveis importantes na relação com a desinformação, como o papel dos laços sociais que, de acordo com os autores, possui tanto um aspecto negativo quanto positivo na forma como os idosos identificam a credibilidade de uma notícia que foi repassada ou referendada por um parente ou amigo próximo (Seo *et al.*, 2021, p.17)

A pesquisa de Mateus *et al.* (2023) buscou entender como se dá o consumo da mídia pelos idosos no Peru e quais atitudes são tomadas por eles após consumir conteúdo online. Os autores verificaram, por exemplo, que há grande adesão de idosos pelo consumo de informações pelo *smartphone* (em comparação com computadores, *laptops* ou *tablets*) e, quando foi perguntado o que fizeram após consumir o conteúdo, “a resposta mais selecionada foi ‘compartilhar este conteúdo com outras pessoas’ (42,8%), opção que implica conversar sobre o conteúdo, reencaminhá-lo ou publicá-lo” (Mateus *et al.*, 2023, p. 93, tradução própria). Do ponto de vista dos idosos estes dados são importantes porque, embora as interações básicas pelo *smartphone* (como compartilhar o que recebem, por exemplo) sejam comuns, ações que demandam habilidades mais avançadas, como interagir com conteúdos, realizar verificações e produzir conteúdos novos não estão presentes no uso diário dessas pessoas. Assim, a alta taxa de compartilhamento de informações por idosos, sem uma interação crítica,

sugere que a desinformação que chega pelo *smartphone* pode ser rapidamente propagada por este público, o que justifica, na compreensão dos autores, a ampliação de ações de educação midiática para idosos, com o objetivo de capacitá-los para mais condições de cidadania (Mateus *et al.*, 2023).

Essas questões revelam que medir a importância da educação midiática envolve investigar: 1) a exposição ao risco; 2) a capacidade técnica de verificação; 3) a consciência sobre o funcionamento da indústria de mídia (regulação, propriedade); e 4) a atitude comportamental diante da dúvida.

Os elementos coletados nestes estudos apontam para o fato de que a capacitação crítica é o principal foco da educação midiática, mais do que as competências instrumentais (como saber ligar um computador, utilizar um *smartphone*, editor de texto etc).

A análise dos artigos selecionados aponta para convergências claras que sustentam a hipótese da importância da educação midiática para idosos:

1. Em todos os contextos culturais analisados (América Latina, Europa, EUA), os idosos tendem a validar informações através de seus círculos sociais próximos (família/amigos) em vez de utilizar métodos de checagem independentes.
2. Os idosos mantêm uma relação de confiança mais forte com a televisão e o jornalismo tradicional do que com as redes sociais, o que pode ser um ponto de partida para estratégias educativas, utilizando esses meios como aliados na alfabetização midiática.
3. Embora alguns idosos demonstrem excesso de confiança, muitos reconhecem a importância de cursos e treinamentos, indicando uma demanda reprimida por formação.

3.3 Estudos qualitativos

Na categoria de estudos qualitativos, identificou-se sete pesquisas (já incluindo as contabilizadas inicialmente como métodos mistos).

Barsotti (2024) analisou o curso “Não passe vergonha nos grupos”, lançado no Brasil pelo Projeto Comprova, e disponibilizado via *whatsapp*. O curso, produzido pela *Media Wise for Seniors*, tinha o intuito de contribuir com o combate à desinformação entre idosos. O objetivo de Barsotti era verificar se o curso contempla

satisfatoriamente as lacunas de alfabetização digital nesta faixa etária. Para isso, a autora analisou o curso à luz da Alfabetização Midiática e Informacional, segundo a proposta metodológica de Cerigatto (2020), e da *social media literacy* (SoMeLit), conceito proposto por Cho *et al.* (2022). Além disso, foi realizada uma entrevista em profundidade com o jornalista Boris Casoy, um dos âncoras dos vídeos do curso.

Adotando a metodologia de Cerigatto (2020), Barsotti analisou o curso em três eixos: aspectos referentes à representação da informação, aspectos referentes à credibilidade e contexto do conteúdo, todos voltados para identificação de *fake news*. Como a pesquisadora observou, o curso negligenciou o eixo 1 (representação e informação), que trata do formato, linguagem, organização e análise de assunto da informação. Em contraposição, o eixo 2, que trata da credibilidade e aborda a checagem de fontes e intencionalidade política, e o eixo 3, que trata do contexto conteúdo e abrange a capacidade de compreender que toda informação está inserida em um campo social de valores, foram contemplados. Em relação ao modelo SoMeLit, que mede as competências nas redes sociais, o estudo observou que o curso contemplou as dimensões de conteúdo, mas falhou em desenvolver as dimensões de competência. A competência de “contribuição”, por exemplo, que capacita as pessoas a produzir e compartilhar conteúdos de forma ativa, especialmente com propósitos coletivos, foi negligenciada. Trata-se aqui de um ponto essencial para educação midiática, especialmente se entendida dentro de um campo de construção do pensamento e atitude críticas. No caso dos idosos, especificamente, esta competência se mostra ainda mais relevante, justamente para contribuir com uma transformação da atitude desse público diante das mídias sociais e na sua relação com as notícias, para que não se posicionem apenas como receptores e replicadores de informações, mas também como pessoas que possuem um posicionamento ativo na sociedade.

Ao observar que o curso concentra-se na avaliação da fonte e na intenção da mensagem (aspectos da *media literacy*), mas falha em capacitar os idosos nas habilidades técnicas e de análise estrutural da informação (aspectos da *information literacy*) Barsotti (2024) oferece uma contribuição sobre as limitações de uma estratégia específica de educação midiática, apontando caminhos que podem ser utilizados em novas práticas neste campo, bem como direcionar propostas de pesquisa na área.

Já Pasitselska (2024), ao realizar uma pesquisa com idosos na Ucrânia durante a guerra enfrentada pelo país, aborda o tema por meio do conceito de “controle do ambiente informacional” (Pasitselska, 2024, p.2), a partir do qual procura descrever

como essas pessoas escolhem suas fontes, como definem o tempo de exposição às notícias e como encontram um método particular de verificação do que é confiável ou não. A pesquisa aponta que muitas pessoas idosas recorrem à comparação entre diferentes meios, priorizam fontes mais tradicionais que consideram confiáveis e chegam até mesmo a reduzir o consumo de notícias como forma de proteção emocional. Sobre este último ponto, vale lembrar que a pesquisa em questão aborda o tema sob o ponto de vista de pessoas inseridas em um contexto de guerra, portanto, com uma vulnerabilidade muito grande diante de tudo o que estão vivenciando.

O estudo indica que fatores como gênero afetam a inclusão e exclusão digital. Em termos de autoconfiança, a pesquisa revelou que os homens se sentiam mais confiantes no uso da internet do que as mulheres (Pasitselska, 2024, p.9). Além disso, de acordo com a autora, há o impacto importante de fatores sociais e de acesso à educação, que proporcionam um uso de maneira crítica e informada por quem tem posições sociais mais favorecidas.

Em conjunto, o trabalho revela que essas práticas evidenciam que pessoas idosas, em grande parte, e ao contrário do senso comum, já possuem muitas competências informacionais relacionadas à identificação de notícias falsas.

Apesar deste resultado, a pesquisadora relata que “a confiança dos participantes pode ser parcialmente infundada quando se trata do uso de mídias sociais, aplicativos de mensagens e mecanismos de busca como fontes de informação” (Pasitselska, 2024, p.14, tradução própria). Ainda assim, a pesquisa, realizada a partir de grupos focais *online* e *offline*, encontrou resultados importantes em torno da ideia de que pessoas idosas são capazes de adaptar suas habilidades, transferindo “competências existentes do ambiente midiático tradicional para o novo ambiente midiático” (Pasitselska, 2024, p.14, tradução própria), algo que poderia ser fortalecido com ações de educação midiática. A pesquisa aponta que ações neste contexto poderiam contribuir também com lacunas percebidas pela pesquisadora, que vão desde questões técnicas, como entender o funcionamento dos algoritmos e os mecanismos de busca, até a aquisição de autonomia, para evitar a dependência de familiares na análise e identificação de notícias.

De forma semelhante, Fernandes *et al.* (2024), ao realizarem no Brasil um estudo de caso com pessoas idosas que participaram de um curso de educação midiática, identificaram que muitas delas já possuíam percepções sobre *fake news* e riscos relacionados à circulação de notícias enganosas (Fernandes *et al.*, 2024, p. 148). No

entanto, os autores constataram que a participação no curso contribuiu para aprofundar esses conhecimentos, transformando-os em práticas mais sistemáticas e incorporadas ao cotidiano, através de comparação de fontes e compartilhamento de conteúdos.

A pesquisa também reforça esta dimensão emancipatória ao mostrar que os participantes do curso analisado relataram mudanças em sua relação com a mídia, se declarando “mais seguros, com maior noção de pertencimento e independência digital” (Fernandes *et al.*, 2024, p. 159). Neste sentido, os autores reforçam a tese de que a educação midiática é uma estratégia significativa na construção de processos de emancipação e de desenvolvimento do pensamento crítico.

Esses achados convergem com a perspectiva do estudo de Seo *et al.* (2021) que, estudando populações idosas vulneráveis nos Estados Unidos, perceberam que uma das principais dificuldades deste público não era, necessariamente, a ausência de senso crítico, mas sim barreiras estruturais que limitam o acesso a recursos educativos, tecnológicos e institucionais (Seo *et al.*, 2021, p.16). Neste sentido, a educação midiática não precisa, de acordo com os autores, ser entendida como uma possibilidade de superar dificuldades cognitivas, mas sim como um caminho para fortalecer capacidades já existentes. Os pesquisadores identificaram que “a avaliação da credibilidade do conteúdo online é uma área que a maioria dos membros desse grupo [idosos de baixa renda] considerava extremamente importante, mas achava muito desafiadora” (Seo *et al.*, 2021, p.16, tradução própria), reforçando a necessidade da educação midiática como forma de ampliar o repertório das pessoas em relação à avaliação das informações.

A educação, definida no estudo pela combinação do grau de escolaridade mais elevado e pela participação em aulas de informática, demonstrou ser um fator relevante na avaliação da credibilidade da fonte. Idosos com pontuações de educação mais altas foram mais capazes de avaliar com precisão a credibilidade da informação apresentada, sendo mais aptos a discernir a credibilidade da fonte, como a do autor ou do site de onde vem a informação. No entanto, a educação não demonstrou ter um efeito estatisticamente significativo na avaliação da credibilidade do conteúdo. O estudo sugere que avaliar a credibilidade do conteúdo (que é capacidade de avaliar a notícia e qualidade do argumento) é indiscutivelmente mais difícil de discernir do que a credibilidade da fonte, especialmente porque sites que espalham desinformação estão se aprimorando na imitação da estrutura de conteúdo de notícias respeitáveis. (Seo *et al.*, 2021, p.14-16).

Também destacando esse aspecto da aquisição da autonomia, o estudo de Pato *et al.* (2024) analisa o projeto Sênior TV, no qual pessoas com mais de 60 anos participaram da produção de um telejornal em Portugal. Os pesquisadores concluíram que a inserção ativa no processo de produção da informação amplia a compreensão não só sobre o funcionamento das rotinas jornalísticas, mas também contribui para a melhora da compreensão dos critérios de noticiabilidade e procedimentos de verificação de notícias. O estudo de caso, organizado a partir de entrevistas, fez com que (de acordo com os pesquisadores) “a maioria dos seniores aumentassem os seus níveis de literacia e se tornaram espectadores mais exigentes” (Pato *et al.*, 2024, p.116).

A diferença deste projeto analisado reside justamente na proposta de permitir aos idosos vivenciarem a produção de notícias em um veículo tradicional. Essa vivência, apontam os autores, desloca as pessoas idosas da postura de consumidores e os coloca em uma situação de produtores, contribuindo para uma relação mais crítica e reflexiva com as notícias que circulam não apenas na televisão, mas em diferentes plataformas (Pato *et al.*, 2024, p.116-117).

Esse tema do pertencimento dialoga também com o estudo de Souza *et al.* (2024), que analisou a oferta institucional de educação midiática para as pessoas idosas no Brasil. As autoras identificaram uma lacuna na disponibilização de cursos e programas voltados às pessoas da terceira idade, especialmente no âmbito das Universidades Abertas à Pessoa Idosa (Souza *et al.*, 2024, p.16). As pesquisadoras mostraram que, quando existentes, as ações em geral focam em aspectos instrumentais do relacionamento com a tecnologia e não no desenvolvimento da autonomia por meio da contribuição com uma postura crítica diante da mídia e da desinformação.

A identificação destas lacunas apontam, de acordo com as autoras, para a necessidade de ampliação de políticas públicas para idosos, no que se refere à disponibilização de ferramentas que possam contribuir com o desenvolvimento de habilidades técnicas mas também no campo da emancipação crítica, como forma de compreensão da dinâmica da vida em uma sociedade mediada por tecnologias digitais.

Em geral, todas as pesquisas analisadas reconhecem a importância da educação midiática, mas elas convergem também na percepção de que a vulnerabilidade à desinformação entre idosos não é homogênea. Enquanto alguns estudos vão destacar as questões de gênero e a influência do contexto territorial em conflito, outros vão enfatizar fatores como renda, escolaridade e acesso a serviços comunitários. Ao mesmo tempo, algumas pesquisas vão destacar o fato de que a ausência ou oferta limitada de

ações de educação midiática para idosos pode contribuir para a manutenção da desigualdade social já existente.

Neste sentido, o estudo de Véron *et al.* (2025), após analisar 25 iniciativas de educação midiática, apresenta outra perspectiva (que corrobora uma percepção do senso comum), mostrando que a maioria das ações de educação midiática são voltadas para o público jovem, enquanto os idosos aparecem como público secundário. De acordo com os autores, essa constatação revela uma contradição importante, já que os idosos são muitas vezes apontados como vulneráveis à desinformação, mas esta preocupação não se traduz em políticas ou programas sistemáticos voltados diretamente para eles (Véron *et al.*, 2025, p. 462). Esse diagnóstico realizado na Espanha apresenta uma linha de raciocínio similar a de pesquisas que apontam a escassez de ações estruturadas de educação midiática para pessoas idosas no Brasil, o que mostra que a situação de marginalização deste público não decorre, exclusivamente, de questões setoriais em contextos específicos, podendo ser verificadas em diferentes países.

De forma geral, os sete estudos analisados neste tópico convergem em três pontos fundamentais:

1. As pesquisas ressaltam o fato de que as pessoas idosas não devem ser concebidas como grupo homogêneo ou especialmente vulnerável, mas como pessoas com particularidades e competências a serem desenvolvidas;
2. Os estudos identificam que experiências formativas participativas, incluindo produção de conteúdo, apresentam impactos mais positivos do que abordagens meramente instrumentais;
3. Os resultados destas pesquisas mostram que há uma lacuna entre o reconhecimento da vulnerabilidade dos idosos em frente à desinformação e a efetiva oferta de iniciativas de educação midiática voltadas especificamente para eles.

A análise conjunta desses trabalhos mostra que a educação midiática pode desempenhar um papel importante no combate à desinformação, desde que concebida de maneira contextualizada e inclusiva, algo que é especialmente importante quando nos referimos ao público idoso.

3.4 Estudos experimentais

Há um conjunto de estudos experimentais que tem buscado avaliar, de forma empírica e controlada, em que medida as estratégias de educação midiática podem fortalecer a competência crítica dos idosos no trato com a desinformação. Mas, por que observar e analisar experimentos já realizados sobre educação midiática com idosos? Em primeiro lugar, porque “(...) os experimentos são considerados o ‘padrão-ouro’ no processo de avanço científico.” (Gramacho, 2023, p.42). Isso significa que podemos a partir deles encontrar padrões, estabelecer correlações e identificar possibilidades de ação a partir de propostas já realizadas e com dados disponíveis para análise. Além disso, como afirma Gramacho, “os experimentos podem ajudar a encontrar evidências mais robustas para apoiar afirmações contundentes sobre relações causais” (Gramacho, 2023, p.44). Assim, analisar experimentos existentes pode ajudar na confirmação de impressões e percepções que temos, a partir de nossa experiência cotidiana.

No conjunto de artigos analisados nesta revisão, foram encontradas quatro pesquisas que utilizam estratégias experimentais, com foco na identificação, correção e enfrentamento à desinformação.

Os quatro estudos a seguir compartilham de preocupações comuns e utilizam propostas experimentais para avaliar intervenções específicas relacionadas à educação midiática, à correção de informações falsas e à detecção de conteúdos enganosos.

Mesmo utilizando estratégias distintas, todos esses trabalhos convergem quando argumentam que intervenções educativas, ainda que sejam breves, conseguem produzir benefícios mensuráveis na capacidade crítica de pessoas idosas em relação ao trato com a desinformação.

Moore e Hancock (2022) realizaram um experimento por meio de um curso no qual idosos foram expostos a uma intervenção de educação midiática voltada especificamente para o reconhecimento de *fake news*. O artigo em questão é resultado da colaboração dos autores com a *Media Wise*, uma organização jornalística sem fins lucrativos que organizou o treinamento *Media Wise for Seniors* e que aparece em outros artigos analisados nesta revisão. Realizado durante as eleições norte-americanas de 2020, o curso envolvia um conjunto de técnicas para verificar a credibilidade de notícias na internet. As ações com o grupo de participantes que fizeram o curso ocorreram de 24

de setembro a 2 de dezembro de 2020. Antes e após o treinamento, os participantes foram submetidos a questionários, que também foram aplicados em um grupo de controle com idosos que não participaram da ação. Esta etapa ocorreu de 1 de outubro a 6 de novembro de 2020. Assim, a principal variável do estudo foi a capacidade de avaliar a veracidade de manchetes, medida antes e após a intervenção.

O aprendizado ocorreu por meio de uma combinação de textos, fotos, infográficos, vídeos instrucionais e exercícios interativos. O acesso ao conteúdo do curso era feito mediante login diretamente no site da *MediaWise*, onde os participantes tinham a flexibilidade de realizar o treinamento em qualquer dispositivo que possuísse um navegador de internet e que permitia que eles completassem partes do curso no seu próprio ritmo, podendo fazer pausas e retomar as atividades exatamente de onde haviam parado.

O foco principal foi ensinar técnicas para verificar credibilidade, como a leitura lateral (abrir novas abas no navegador para pesquisar o que outras fontes dizem sobre uma alegação) e a busca reversa de imagens, utilizando instrutores familiares aos idosos (como as jornalistas Joan Lunden e Christiane Amanpour). O material também teve forte foco no *Facebook*.

Nos questionários pré e pós-curso, os participantes precisaram julgar a veracidade de 6 manchetes de notícias em uma escala de 1 (definitivamente falsa) a 7 (definitivamente verdadeira). Cada pesquisa continha 3 manchetes verdadeiras e 3 falsas (totalizando 12 manchetes únicas ao longo do estudo), todas previamente verificadas por uma organização de *fact-checking*. Após cada julgamento, foi solicitado que os participantes relatassem se realizaram alguma pesquisa na internet para embasar sua decisão sobre a veracidade daquela manchete.

A pesquisa demonstrou que a participação no curso melhorou significativamente a alfabetização digital e a resiliência à desinformação em idosos. Os 143 participantes do grupo de intervenção aumentaram a probabilidade de julgar com precisão as manchetes de notícias de 64% para 85%, enquanto o grupo de controle (238 participantes) não teve melhoria significativa (55% para 57%). Além disso, o curso proporcionou melhorias na compreensão de todas as habilidades digitais ensinadas. Por exemplo, antes de fazerem o curso, uma pequena porcentagem dos participantes do grupo de intervenção (4%) procurava informações adicionais online para verificar se uma notícia era verdadeira ou falsa. Após completarem a atividade, uma grande maioria (71%) passou a usar ativamente essa estratégia (Moore e Hancock, 2022, p. 5).

Como todo estudo empírico, os autores reconhecem limitações importantes no desenho da pesquisa, como o viés de autosseleção, em que o fato de os participantes do tratamento terem se voluntariado sugere que eles provavelmente já possuíam maior motivação para aprimorar sua alfabetização digital do que a média dos idosos. Além disso, reconhecem a falta de dados longitudinais, já que os participantes responderam a apenas uma pesquisa pós-intervenção, imediatamente após terminarem o curso. Isso impede o estudo de fornecer informações sólidas sobre a durabilidade ou manutenção desses efeitos a longo prazo.

Um resultado semelhante foi encontrado no estudo de Sádaba *et al.* (2023), onde os autores observaram que a participação em curso de educação midiática permitiu aos idosos uma melhoria em sua capacidade de avaliar notícias sem serem influenciados pela polarização política (Sádaba *et al.*, 2023, p. 120). A pesquisa também envolveu um curso realizado pela *Media Wise*, mas desta vez em parceria com a empresa de comunicação *Newtral*, na Espanha, conduzida entre o final de abril e o final de junho de 2022. O estudo partiu de premissas que são lugares-comuns na nossa percepção sobre os idosos, considerando que preferem meios de comunicação tradicionais, tendem a confiar nas pessoas que lhes enviam ou repassam mensagens e, assim, acabam por ser potenciais disseminadores de desinformação (Sádaba *et al.*, 2023, p. 114). Os autores destacam também que o interesse em pesquisas voltadas ao tema da educação midiática para idosos é recente, o que justifica a urgência de investir nessa abordagem (Sádaba *et al.*, 2023, p. 114).

Assim como na pesquisa analisada anteriormente, os pesquisadores utilizaram questionários com dois grupos, sendo um deles um grupo de controle. Alguns achados importantes foram: 1. a confirmação de que “a visão política geral influencia a capacidade de verificar com precisão a veracidade ou falsidade de uma manchete de notícia, dependendo do viés político refletido nela” (Sádaba *et al.*, 2023, p. 117, tradução própria); e 2. a educação midiática tem impacto positivo na capacidade das pessoas identificarem a veracidade das notícias, independentemente da predisposição política.

Um dos critérios para participar do curso era ser usuário de *smartphone*, pois a intervenção testada foi um curso de competência digital focado em combater a desinformação política, com duração de 10 dias, oferecido gratuitamente por meio do aplicativo *WhatsApp*. Após a inscrição, os usuários recebiam uma sessão por dia, onde cada sessão incluía um vídeo com técnicas práticas simples para melhorar a avaliação

de recursos de informação na internet. Ao final de cada vídeo diário, os participantes precisavam responder a uma pergunta sobre o conteúdo que haviam acabado de aprender.

No curso, os participantes precisavam avaliar a veracidade de seis manchetes diferentes usando uma escala Likert de sete pontos (onde 1 era “claramente falso” e 7 “claramente verdadeiro”). Das seis manchetes apresentadas, três continham informações falsas ou imprecisas e três eram notícias verdadeiras. Entre as três notícias falsas apresentadas no experimento, uma tinha um viés ideológico de esquerda, uma tinha viés de direita e a terceira era politicamente neutra. O questionário também mapeava a orientação política dos participantes, dividindo-os em perfis como Progressistas, Moderados e Conservadores.

Este estudo experimental foi realizado com 1.029 idosos da Espanha, confirmando que o viés político dos participantes influencia sua capacidade de identificar desinformação. Os dados revelaram que participantes com visão progressista obtiveram maior precisão ao analisar manchetes com viés de direita ($M=5,21$) e menor sucesso com manchetes que tinham viés de esquerda ($M=3,47$). O M aqui é a média de pontuação na avaliação das manchetes, em uma escala de 1 a 7.

Da mesma forma, os participantes com visão conservadora tiveram maior acerto com manchetes de viés de esquerda ($M=5,59$) e menor acerto em manchetes com viés de direita ($M=2,91$). Esses dados são referentes à primeira rodada de experimentos (antes do curso), e refletem os resultados que haviam sido alcançados com o grupo de controle, mostrando que os usuários são mais críticos em relação a conteúdos que se opõem às suas crenças, e mais propensos a acreditar em informações com as quais concordam.

Contudo, o resultado importante da pesquisa se mostra após a participação no curso, demonstrando que a educação midiática teve um impacto positivo, reduzindo o viés político nos grupos. Os idosos progressistas, que tinham uma diferença de pontos de 1,74 na primeira rodada ($5,21$ menos $3,47$), passaram a ter uma diferença de apenas 0,37 após o curso. Os idosos conservadores também tiveram uma diminuição de viés, reduzindo a pontuação de 2,98 na primeira rodada ($5,59$ menos $2,91$) para 2,14 após a realização do curso. A pesquisa demonstra que a educação midiática teve, portanto, um resultado significativo, pois o impacto do viés político na capacidade de identificação de desinformação diminuiu nos dois grupos (Sádaba *et al.*, 2023, p. 117-118).

Já o estudo experimental desenvolvido por Kemp *et al.* (2024), nos Estados Unidos, traz uma abordagem diferente ao investigar como a exposição repetida a notícias falsas antes de um processo de correção das notícias afeta a memória e a precisão das crenças em adultos jovens e em pessoas mais velhas. O estudo foi realizado em três fases, de forma remota e não supervisionada.. Na primeira, os participantes leram títulos de notícias verdadeiras e falsas, sendo que algumas eram repetidas três vezes e outras apareciam apenas uma vez. Na fase 2 os participantes leram os títulos de notícias verdadeiras, sendo que algumas delas eram correções das *fake news* apresentadas anteriormente. Nesta fase, os participantes precisavam indicar se a manchete atual estava corrigindo uma *fake news* já apresentada ou não. Na Fase 3, por fim, foi realizado um teste de memória para verificar, alguns dias depois, se os participantes eram capazes de lembrar das notícias verdadeiras e daquelas que corrigiam as notícias falsas.

No que se refere especificamente aos idosos, esta pesquisa mostra que não houve diferença entre este grupo e os mais jovens na capacidade de detectar correções às notícias falsas. Apesar disso, o estudo mostrou que os mais jovens lembraram das correções de forma mais precisa que os idosos. Com base no estudo, no primeiro experimento da fase três (reconhecimento), quando os participantes precisavam identificar quais notícias haviam sido corrigidas, os adultos jovens lembraram corretamente das correções em 77-82% dos casos, enquanto os idosos apresentaram taxas de 82-84%, embora com menor certeza na resposta (Kemp *et al.*, 2024, p.10). A superioridade da memória dos jovens ficou evidente no segundo experimento da fase três (recordação induzida): quando conseguiam lembrar da notícia falsa e que ela havia sido corrigida, os jovens recordaram corretamente os detalhes verdadeiros em taxas significativamente superiores (acima de 80%) em comparação aos idosos (aproximadamente 70%) (Kemp *et al.*, 2024, p.13). Essa diferença sugere que, em tarefas que exigem maior esforço de recuperação da memória, os jovens foram mais eficazes em utilizar a recordação da notícia falsa para acessar os detalhes verdadeiros.

A maior exposição a *fake news* não prejudicou a memória ou a precisão de identificar notícias falsas de nenhum dos dois grupos, mas a repetição das *fake news* permitiu ao grupo mais velho apenas familiaridade com as notícias e não recordações contextuais (mais presente entre os mais jovens), reforçando a ideia de que as pessoas idosas são um grupo especialmente vulnerável, pois têm “menor capacidade de recordar associações”, o que prejudica “sua habilidade de lembrar as diferenças entre notícias

falsas e verdadeiras” (Kemp *et al.*, 2024, p.2). Por outro lado, o estudo sugere que estratégias educativas e informativas são eficazes para mudar esse quadro (Kemp *et al.*, 2024, p.20), o que torna a necessidade de ações de educação midiática para idosos ainda mais urgentes.

Já Morata-Santos *et al.* (2025) realizaram uma pesquisa experimental centrada diretamente na população idosa da Espanha, levando em consideração variáveis de gênero e nível educacional. O estudo, realizado de forma online e anônima através da plataforma YouGov Panel em outubro de 2022, demonstrou que os idosos que participaram de intervenções de educação midiática relacionadas ao combate à desinformação tiveram melhora significativa em sua capacidade de identificar conteúdos falsos, em comparação com o grupo de controle.

Um aspecto importante desta pesquisa é também o entendimento de se considerar as diferenças sociodemográficas no processo de aquisição de competências informacionais. Neste sentido, os pesquisadores não deixam de observar que as questões de gênero e o nível educacional são relevantes na forma como idosos se relacionam com a desinformação. Eles também reconhecem uma limitação importante: como a pesquisa ocorreu exclusivamente online, idosos sem acesso à internet foram excluídos, o que significa que uma parcela potencialmente mais vulnerável não foi medida.

A pesquisa demonstrou que o efeito da verificação de fatos foi bem mais potente nas mulheres do que nos homens. Para chegar a esta conclusão, os pesquisadores conduziram uma pesquisa experimental utilizando uma amostra com 1.203 participantes idosos, residentes na Espanha. A pesquisa envolveu três grupos: um primeiro que recebeu notícias sem verificação; um segundo que recebeu notícias verificadas corretamente; e um último que recebeu notícias com verificação incorreta. A ideia era identificar, através de questionários, como diferentes níveis de verificação de fatos afetam a recepção de notícias pelas pessoas idosas.

Todos os grupos responderam a questionários para avaliar indicadores como credibilidade, rigor, autenticidade e possibilidades de compartilhamento. O efeito médio de mudança (credibilidade) observado nas mulheres foi de 0,15, enquanto que nos homens foi de 0,7 (Morata-Santos *et al.*, 2025, p.195). Isso mostra que a verificação, seja ela correta ou incorreta, teve um maior impacto nas mulheres, o que sugere que a educação midiática tem um efeito mais alto neste público.

De fato, este estudo traz nuances importantes, tanto neste recorte de gênero (que é sintomático na situação atual de desigualdade de oportunidades) quanto para

desmistificar algumas convicções pré-concebidas. Por exemplo, a pesquisa mostra que a maior parte dos idosos escolhiam recorrer aos espaços de dados oficiais como primeira opção para verificar as notícias, contrastando com a visão de que as pessoas idosas tendem a recorrer a amigos, familiares e redes sociais como primeira tentativa de verificação (Morata-Santos *et al.*, 2025, p.198-199).

Os quatro estudos experimentais analisados neste subtópico apontam para alguns aspectos comuns.

1. Reforçam a eficácia de intervenções educativas, mostrando como estratégias midiáticas produzem ganhos mensuráveis na capacidade crítica de idosos no trato com as informações.
2. Os estudos rompem com alguns preconceitos em relação ao público idoso, mostrando que eles são capazes de aprender, se beneficiar de intervenções educacionais e de que não possuem diferenças significativas em relação aos mais jovens em sua capacidade de aprimorar o julgamento sobre notícias.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As pesquisas convergem para a urgência de políticas públicas inclusivas que transformem as pessoas da terceira idade em sujeitos críticos e ativos no ambiente digital.

Retomando a questão norteadora desta pesquisa, que se volta para entender como a literatura científica tem abordado o papel das estratégias de educação midiática no desenvolvimento da competência crítica informacional de pessoas idosas frente à desinformação e considerando o objetivo de analisar como essas iniciativas têm sido trabalhadas como estratégia para o combate à desinformação, é possível afirmar que esta revisão sistemática respondeu satisfatoriamente à pergunta e alcançou o objetivo pretendido.

A análise dos estudos selecionados demonstra que a literatura científica não apenas valida a eficácia das estratégias de educação midiática com enfoque na criticidade, mas também detalha os meios pelos quais a competência crítica é fortalecida. Enquanto os estudos qualitativos analisados mostravam como e porque as intervenções com idosos produzem efeitos positivos em sua capacidade de lidar com informações, os estudos experimentais demonstraram que estas intervenções efetivamente funcionam, apontando dados mensuráveis que justificam não só sua eficácia como sua necessidade. Se os estudos qualitativos apontam para o fato de que os idosos adquirem maior confiança, autonomia e senso crítico após ações de educação midiática, as pesquisas experimentais oferecem evidências causais para entendermos porque isso ocorre.

Os estudos de levantamento de dados, de maneira complementar, trouxeram o destaque de que as pessoas idosas não representam um grupo homogêneo no que se refere à forma como recebem e lidam com a desinformação. Esses estudos mostram também que a vulnerabilidade destas pessoas, quando ocorre, se estabelece em uma interseção de gênero, nível socioeconômico e acesso à educação.

Nos estudos de revisão que foram analisados, e de modo geral também nas outras categorias, as pesquisas convergem para um diagnóstico comum que rejeita a homogeneidade na velhice, indicando que o combate à desinformação exige políticas públicas segmentadas (adequando-se à realidade social dos participantes, gênero, condição sócio-econômica etc), superando abordagens generalistas.

Além dessa dimensão metodológica e social, esta revisão revelou uma assimetria na distribuição geográfica do conhecimento produzido dentro deste tema, com uma concentração de estudos no norte global, especificamente na Europa e na América do Norte, embora haja uma representação da América Latina.

A Europa é o continente com maior prevalência, totalizando 11 estudos (55% do corpus). A produção europeia é liderada pela Espanha, mas inclui também pesquisas de Portugal, Finlândia, Eslováquia e Ucrânia. A América do Norte é representada por 5 estudos (25%), sendo majoritariamente provenientes dos Estados Unidos, com uma contribuição do Canadá. Já a América do Sul contribui com 4 estudos (20%), originários do Brasil (3) e do Peru (1).

Essa análise revela que a produção científica sobre educação midiática e idosos é predominantemente ocidental, e que reflete agendas políticas distintas: na Europa, por exemplo, o foco recai sobre o bem-estar social, o envelhecimento ativo e a regulação democrática; na América do Norte, a ênfase está na polarização política e nos processos cognitivos individuais e a América Latina emerge com uma perspectiva voltada para a inclusão digital básica e a cidadania em contextos desiguais.

Por fim, os achados encontrados nesta pesquisa mostram que a importância do tema na atualidade se relaciona com o entendimento de que a desordem informacional não é apenas um problema tecnológico, mas um desafio que abrange o campo social e envolve as instituições democráticas. Para o campo acadêmico da comunicação, estes resultados apontam para uma reorientação de foco, mostrando que a análise puramente operacional (de alfabetização digital como estratégia para saber como usar com eficiência as novas tecnologias) precisa se transformar em projetos de educação midiática que tenham como perspectiva a contribuição com a cidadania em seu aspecto mais crítico e reflexivo. No caso específico dos idosos e de suas necessidades, a pesquisa mostra também que este público precisa de estratégias comunicacionais adaptadas às suas realidades e peculiaridades, especialmente em uma sociedade que envelhece com tecnologia digital cada vez mais integrada ao seu modo de ser e existir no mundo.

CONCLUSÃO

Ao realizar uma revisão sistemática sobre a produção de pesquisas voltadas à educação midiática com idosos, na intenção de combater a propagação de desinformação, esta dissertação busca colaborar com futuras pesquisas sobre o tema. Mas é importante que os novos trabalhos levem em consideração, também, as transformações trazidas pela inteligência artificial generativa que está se popularizando rapidamente, estando inserida em praticamente todas as plataformas digitais. Outro fator que deve ser levado em consideração diz respeito à atualização dos dados relativos a idosos e repasse de desinformação. Desde o início desta pesquisa, quando começamos a leitura de estudos sobre desinformação entre idosos, nos deparamos com a afirmação de que o público com mais de 60 anos é o mais propenso a repassar conteúdos desinformativos, tese decorrente, na maioria das vezes, da pesquisa de Guess *et al.* (2019). Apesar de ainda muito citada, consideramos que pesquisas futuras podem verificar esta tese em outros contextos, levando em consideração as constantes transformações no ambiente digital, de modo a refletir melhor o ambiente social em que vivemos para contribuir com a consolidação de estratégias mais adequadas às pessoas idosas.

A contextualização acima explica os motivos que nos fizeram realizar esta pesquisa: uma tentativa de trazer a reflexão sobre a importância de se incluir a pessoa idosa como um público que consome, produz e compartilha notícias e como fazê-los atores responsáveis pela não disseminação da desinformação a partir de iniciativas de educação midiática voltadas para este público.

A análise das pesquisas encontradas nesta revisão reforça o pensamento de que a implementação de iniciativas de educação midiática é importante para garantir a inclusão digital qualificada da população idosa, diminuindo o repasse de desinformação sem inibir a sua participação social. Sendo assim, verificamos a necessidade de incluir mais a pessoa idosa nas iniciativas de educação midiática e nos estudos sobre desinformação.

Além da recepção crítica, os documentos evidenciam que o estímulo à participação ativa no processo de produção de conteúdo atua como um agente de transformação para o aprofundamento da educação midiática e a defesa contra a

desinformação. Portanto, a educação midiática não deve se restringir apenas à verificação passiva de fatos, mas deve englobar o desenvolvimento de competências para a criação e o compartilhamento ético, assegurando que o envelhecimento ativo no ambiente digital contribua para a circulação de informações verídicas e para a manutenção da integridade do ecossistema informacional, em vez de prejudicá-lo.

REFERÊNCIAS

ALTARES, Guillermo. **A longa história das notícias falsas**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html Acesso em: 28/12/2024

BARRETO, Cristiane Parente de Sá; FLEXOR, Carina Luisa Ochi; LOPES, Mariana Ferreira; PAULINO, Fernando Oliveira. Texto Básico da Unidade 2: Fundamentos da Educação Midiática. In: **Curso de Aperfeiçoamento em Educação Midiática para a Promoção e Defesa dos Direitos Humanos e Diversidades**. Brasília/Uberlândia: MEC/UnB/UFU, 2024.

BARSOTTI, Adriana. “Não passe vergonha nos grupos”: Combate à desinformação entre idosos nas redes sociais. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 246–259, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n1.2024.517> Acesso em: 08/10/2024

BBC. **Como Trump e o Brexit ajudaram a cunhar a 'palavra do ano' escolhida pelo dicionário Oxford (2016)**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998165> Acesso em: 20/11/2025

BITTELBRUNN SEVERO, Marina; ESTEFÂNI SCHÖNHOLZER, Tatiele; COSTA MACHADO ZACHARIAS, Fabiana; CARVALHO PINTO, Ione; BEZERRA CAVALCANTI, Ricardo; BULGARELLI, Alexandre. O Comportamento informacional de pessoas idosas da região sul do Brasil vivenciando a infodemia em momentos pandêmicos. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, [S. l.], v. 30, 2025. DOI: 10.22456/2316-2171.143914. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/143914> Acesso em: 24 dez. 2025.

BOLER, M., GHARIB, H., KWEON, Y.-J., TRIGIANI, A., & PERRY, B. Promoting Mis/Disinformation Literacy Among Adults: A Scoping Review of Interventions and Recommendations. **Communication Research**, 0(0), 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00936502251318630> Acesso em: 10/10/2025

BRASHIER, N. M., & SCHACTER, D. L. Aging in an Era of Fake News. **Current directions in psychological science**, 29(3), 316–323, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0963721420915872> Acesso em: 24/12/2025

BUCKINGHAM, D. Teaching media in a ‘post-truth’ age: fake news, media bias and the challenge for media/digital literacy education. **Culture and Education**: 31(2), 213-231, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/11356405.2019.1603814> Acesso em: 18/01/2026

BUCKINGHAM, D. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

BUCKINGHAM, David. **Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 03, p. 37-58, dez. 2010. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432010000300004&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 29/12/2024

CERIGATTO, M. P. Unindo media literacy e information literacy na era da desinformação: habilidades para lidar com as fake news. **Comunicação Pública**, 15(28), 1–17, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/cp.6143> Acesso em: 20/01/2026

CHO, H., CANNON, J., LOPEZ, R., & LI, W. Social media literacy: A conceptual framework. **New Media & Society**, 26(2), 941–960, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/14614448211068530> Acesso em: 20/01/2026

CERRÃO, N. G.; JESUS, A. F.; CASTRO, F. F. O método de revisão sistemática da literatura (rs) na área da ciência da informação no brasil: análise de dados de pesquisa. **Informação & Tecnologia**, v. 5, n. 1, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/110396> Acesso em: 27/09/2025

DA SILVA, J.M. Fake News, a novidade das velhas falsificações. In: Figueira, J & Santos, S. **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

D’HAENENS, L., et al. Fostering Media Literacy: A Systematic Evidence Review of Intervention Effectiveness for Diverse Target Groups. **Media and Communication**, 13, Article 8901. Disponível: <https://doi.org/10.17645/mac.8901> Acesso em: 10/10/2025

FERNANDES, Carla Montuori Montuori; OLIVEIRA, Luiz Ademir de; FARNESE, Pedro Augusto; AUGUSTO, Luciana Janizello. Literacia midiática e combate a fake news: um estudo de caso com o público da terceira idade. **Revista Signos**, Lajeado, RS, v. 45, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v45i1a2024.3679> Acesso em: 10/10/2025

FERRARI, Ana Claudia; MACHADO, Daniela; OCHS, Mariana. **Guia da Educação Midiática**. 1. ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FORLENZA, Orestes Vicente; RADANOVIC, Marcia; APRAHAMIAN, Ivan. **Neuropsiquiatria geriátrica**. São Paulo : Editora Atheneu, 2014.

GIL QUINTANA, J.; HUESO ROMERO, J.J.; ROMERO RODRÍGUEZ, L.M. Social Media and Older Adults (1995–2023): A Bibliometric Analysis with Implications for Media Education in Lifelong Learning. **Educ. Sci.** 2025, 15, 811. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/educsci15070811> Acesso em: 10/10/2025

GLEICK, James. **A Informação - uma história, uma teoria, uma enxurrada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GOMES, Sheila Freitas; PENNA, Juliana Coelho Braga de Oliveira; ARROIO, Agnaldo. Fake news científicas: Percepção, persuasão e letramento. **Ciência & Educação**, v. 26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320200018> Acesso em: 20/11/2025

GUESS, Andrew et al. Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook. **Science Advances**, 5 (2019). Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.aau4586> Acesso em: 28/12/2024

GUESS, A. M. et al. A digital media literacy intervention increases discernment between mainstream and false news in the United States and India. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 117, n. 27, p. 15536-15545, 2020. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1920498117> Acesso em: 28/12/2024

GUO Y., PENG H., ZHU B. Age Differences in False Memories Induced by Misinformation: The Role of Attentional Salience of Original Information. **Psych J.** 2025 Dec;14(6):963-978. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/pchj.70039> Acesso em: 16/01/2026

GRAMACHO, W. **Introdução à metodologia experimental**. São Paulo: Blucher, 2023

GRAMACHO, Wladimir. **Na luta contra a desinformação, a educação midiática é fundamental, mas tem limites que devem ser considerados**. (2025). Disponível em: <https://theconversation.com/na-luta-contr-a-desinformacao-a-educacao-midiatica-e-fundamental-mas-tem-limites-que-devem-ser-considerados-266095> Acesso em: 25/10/2025

GRAMACHO, Wladimir; PEREIRA, Isadora. A refutação de informações incorretas sobre a vacinação infantil contra a Covid-19: um estudo experimental. In: JORGE, Thais Mendonça (org.). **Desinformação o mal do século**: distorções, inverdades, fake news: a democracia ameaçada. Brasília: Supremo Tribunal Federal: Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2023

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: Digitalização e a crise da democracia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022. Edição do Kindle.

HARARI, Y. N. **Nexus: Uma breve história das redes de informação da Idade da Pedra à inteligência artificial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. Edição do Kindle.

HOBBS, Renee; JENSEN, Amy. The Past, Present, and Future of Media Literacy Education. **Journal of Media Literacy Education**. v. 1. n. 1, p. 1-11. 2009. Disponível em: <https://digitalcommons.uri.edu/jmle/vol1/iss1/1/> . Acesso em: 18/10/2025

HOSSOVÁ, Monika Prostináková. Status of Senior Media Literacy in the Slovak Republic. **Communication Today**, vol. 14 (2023). Disponível em: <https://doi.org/10.34135/communicationtoday.2023.vol.14.no.2.5> Acesso em: 10/10/2025

IBGE. **Censo 2022**: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos> Acesso em: 23/11/2025

KEMP, P.L., LOAIZA, V.M., KELLEY, C.M. et al. Correcting fake news headlines after repeated exposure: memory and belief accuracy in younger and older adults. **Cogn. Research** 9, 55 (2024). Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s41235-024-00585-3> Acesso em: 10/10/2025

KOZYREVA, A. et al. **Toolbox of Interventions Against Online Misinformation**. 2022. Disponível em: osf.io/preprints/psyarxiv/x8ejt Acesso em 01/09/24

LITTRELL, S., & FUGELANG, J. A. Bullshit blind spots: The roles of miscalibration and information processing in bullshit detection. **Thinking & Reasoning**, 30(1), 49–78, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13546783.2023.2189163> Acesso em: 10/10/2025

LYCARIÃO, D. et al. Revisão Sistemática de Literatura e Análise de Conteúdo na Área da Comunicação e Informação: o problema da confiabilidade e como resolvê-lo. **Transinformação**, v. 35, e220027, 2023. <https://doi.org/10.1590/2318-0889202335e220027> Acesso em: 27/09/2025

LYONS, B. A. Older Americans are more vulnerable to prior exposure effects in news evaluation. **Harvard Kennedy School (HKS) Misinformation Review**, 4(4), 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.37016/mr-2020-118> Acesso em 24/12/2025

LYONS, Benjamin; MONTGOMERY, Jacob; REIFLER, Jason. Partisanship and Older Americans' Engagement with Dubious Political News. **Public Opinion Quarterly**, Volume 88, Issue 3, Fall 2024, Pages 962–990, Disponível em: <https://doi.org/10.1093/poq/nfae044> Acesso em: 22/12/2025

MAHOOD, Q., VAN EERD, D. e IRVIN, E. Searching for grey literature for systematic reviews: challenges and benefits, **Research Synthesis Methods**, 5, pages 221–234, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jrsm.1106> Acesso em: 10/12/2025

MARQUES, Bruna. **Idoso perde R\$ 112 mil em mais um golpe do falso advogado**. Campo Grande News, 2025. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/idoso-perde-r-112-mil-em-mais-um-golpe-do-falso-advogado> Acesso em: 11/01/2025

MARTÍN-MARTÍN, F. M., e AGUADED GÓMEZ, I. Exploring the intersection between AI technologies and media literacy in older adults: A systematic research review. **IJERI: International Journal of Educational Research and Innovation**, (24), 1–12, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.46661/ijeri.11320> Acesso em: 10/10/2025

MATEUS, J.-C., CAPPELLO, G., e VARGAS-BIANCHI, L. Dietas mediáticas de adultos mayores peruanos para informarse, educarse y entretenerse: estudio exploratorio. Fonseca, **Journal of Communication**, (26), 81–101, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14201/fjc.31249> Acesso em: 10/10/2025

MONTIEL TORRES, María Francisca; TERUEL RODRÍGUEZ, Laura; GARCÍA-FAROLDI, Livia; MARTÍN-MARTÍN, Francisco Marcos. Colectivos vulnerables y desinformación. Análisis de la realidad andaluza. **Doxa Comunicación. Revista Interdisciplinar de Estudios de Comunicación y Ciencias Sociales**, [S. l.], n. 41, p. 369–393, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.31921/doxacom.n41a2902> Acesso em: 10/10/2025

MOORE, Ryan C.; HANCOCK, Jeffrey T. A digital media literacy intervention for older adults improves resilience to fake news. **Scientific Reports**, [S. l.], v. 12, n. 4637, p. 1-16, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41598-022-08437-0> Acesso em: 01/05/2025

MORATA-SANTOS, Montse; EGAÑA, Txema; ZUBEROGOITIA, Aitor; VILASÍS-PAMOS, Júlia. Disinformation and the senior population: Analysis of the impact of fact-checking in Spain by gender and educational level. **Anàlisi**, [S. l.], v. 72, p. 185–202, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/analisi.3790> Acesso em: 10/10/2025

PACHECO, Denis. Inteligências Artificiais entram em campo contra (e a favor) da desinformação. **Jornal da USP**, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/inteligencias-artificiais-entram-em-campo-contra-e-a-favor-da-desinformacao/> Acesso em: 28/12/2024

PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PAPAPICCO, C.; LAMANNA, I.; D'ERRICO, F. Adolescents' Vulnerability to Fake News and to Racial Hoaxes: A Qualitative Analysis on Italian Sample. **Multimodal Technol. Interact.** 2022, 6, 20. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/mti6030020> Acesso em: 09/01/2025

PARISER, E. **O filtro invisível**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

PASITSELSKA, Olga. Frontline Knowledge: Digital Media Literacy of Older Adults in Ukraine. **Media and Communication**, vol.12, article 8277, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.17645/mac.8277> Acesso em: 10/10/2025

PATO, Luís Miguel; TORRIJOS FINCIAS, Patrícia; MARGARIDO, Cristóvão; POCINHO, Ricardo. Senior TV – Produzir informação como forma de aprofundamento da literacia mediática e defesa contra a desinformação. **Observatorio (OBS*)**, [S. l.], v. 18, n. 5, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.15847/obsOBS18520242441> Acesso em: 27/12/2024

PIRES, R. N. P.; REISDORFER, G.; CAMPOS, T. A. de M.; RODRIGUES, M. A. C. EDUCOMUNICAÇÃO: HISTÓRIA, DESAFIO E REFLEXÃO. **COGNITIONIS Scientific Journal**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 879–890, 2023. DOI: 10.38087/2595.8801.333. Disponível em: <https://revista.cognitioniss.org/index.php/cogn/article/view/333> Acesso em: 18/10/2025

RASI, P., VOIJÄRVI, H., & RIVINEN, S. (2020). Promoting Media Literacy Among Older People: A Systematic Review. **Adult Education Quarterly**, 71(1), 37-54. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0741713620923755> Acesso em: 10/10/2025

ROSCHKE, Kristy; BARTLETT, Tara. The Dangers of Low Literacy for American Democracy: The Promising Role of Public Institutions as Community Conveners. **Adult Literacy Education**, v7 n1 p54-58, 2025. Disponível em: <http://doi.org/10.35847/KRoschke.TBartlett.7.1.54> Acesso em: 10/10/2025

RUEDIGER, Marco Aurélio. **Desinformação nas eleições 2018**. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2019

SÁDABA, Charo; SALAVERRÍA, Ramón; BRINGUÉ, Xavier. Overcoming the Age Barrier: Improving Older Adults' Detection of Political Disinformation With Media Literacy. **Media and Communication**, [S.l.], v. 11, n. 4, p. 113-123, oct. 2023. ISSN 2183-2439. Disponível em: <https://doi.org/10.17645/mac.v11i4.7090> Acesso em: 10/10/2025

SANTOS, C. M. C.; PIMENTA, C. A. M.; NOBRE, M. R. C. The PICO strategy for the research question construction and evidence search. **Revista Latino-Americana de**

Enfermagem [online], v. 15, n. 3, 2007 DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300023> Acesso em: 20/11/2025

SECOM. **Coletânea Educação Midiática**. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/educacao-midiatica> Acesso em: 25/09/2024

SECOM. **Estratégia Brasileira de Educação Midiática. 2ª Versão - 2025**. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/educacao-midiatica#:~:text=A%20segunda%20vers%C3%A3o%20da%20Estrat%C3%A9gia,e%20Informacional%20promovida%20pela%20UNESCO> Acesso em: 05/11/25

SECOM. **Repositório de Educação Digital e Midiática para Pessoas Idosas (2024)**. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/educacao-midiatica/repositorio-geral/pessoa-idosa> Acesso em 15/10/2024

SEO, H., BLOMBERG, M., ALTSCHWAGER, D., & VU, H. T. Vulnerable populations and misinformation: A mixed-methods approach to underserved older adults' online information assessment. **New Media & Society**, 23(7), 2012-2033, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444820925041> Acesso em: 10/10/2025

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SOUZA, Janaina Silva; SILVA, Marcia Maria e; BRAZ, Ruth Maria Mariani. A era da desinformação e a oferta de educação midiática para pessoas idosas. **Revista Ponto de Vista**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 01–21, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47328/rpv.v13i1.18207> Acesso em: 10/10/2025

UNESCO. **Declaração de Grünwald sobre Educação para os Media**. 1982. Disponível em: <https://milobs.pt/wp-content/uploads/2018/06/Declaracao-de-Grunwald.pdf> Acesso em: 20/10/2025

VERÓN, J. J.; SANCHO-LIGORRED, B. e PÉREZ-ZAPATER, B. Media Literacy Against Disinformation: An Analysis of 25 Initiatives Promoted in Spain. **Doxa Comunicación**, 41, pp. 447-467, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.31921/doxacom.n41a2899> Acesso em: 10/10/2025

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Desordem Informacional**: Para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Coleção CLE - Unicamp, 2023. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/11609-desordem-informacional-para-um-quadro-interdisciplinar-de-investigacao-e-elaboracao-de-politicas-publicas.html> Acesso em: 28/12/2024

APÊNDICE A - lista completa de artigos analisados na revisão sistemática

ID	Autores	Ano	Título	Periódico	Link
1	Päivi Rasi; Hanna Vuojärvi; Susanna Rivinen	2021	Promoting Media Literacy Among Older People: A Systematic Review	Adult Education Quarterly	https://doi.org/10.1177/0741713620923755
2	Hyunjin Seo; Matthew Blomberg; Darcey Altschwager; Hong Tien Vu	2021	Vulnerable populations and misinformation: A mixed-methods approach to underserved older adults' online information assessment	New Media & Society	https://doi.org/10.1177/1461444820925041
3	Ryan C. Moore; Jeffrey T. Hancock	2022	A digital media literacy intervention for older adults improves resilience to fake news	Scientific Reports	https://doi.org/10.1038/s41598-022-08437-0
4	Julio-César Mateus; Giancarlo Cappello; Lizardo Vargas-Bianchi	2023	Dietas mediáticas de adultos mayores peruanos para informarse, educarse y entretenerse: Estudio exploratorio	Journal of Communication	https://doi.org/10.14201/jfc.31249
5	Charo Sádaba; Ramón Salaverría; Xavier Bringué	2023	Overcoming the Age Barrier: Improving Older Adults' Detection of Political Disinformation With Media Literacy	Media and Communication	https://doi.org/10.17645/mac.v11i4.7090
6	Monika Prostináková Hossová	2023	Status of Senior Media Literacy in the Slovak Republic	Communication Today	https://doi.org/10.34135/communicationtoday.2023.vol.14.no.2.5
7	Adriana Barsotti	2024	“Não passe vergonha nos grupos”: Combate à desinformação entre idosos nas redes sociais	Sur le journalisme,	https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n1.2024.517

				About journalism, Sobre jornalismo	
8	Janaina S. Souza; Márcia M. Silva; Ruth M. M. Braz	2024	A era da desinformação e a oferta de educação midiática para pessoas idosas	Revista Ponto de Vista	https://doi.org/10.47328/rpv.v13i1.18207
9	Paige L. Kemp; Vanessa M. Loaiza; Colleen M. Kelley; Christopher N. Wahlheim	2024	Correcting fake news headlines after repeated exposure: memory and belief accuracy in younger and older adults	Cognitive Research	https://doi.org/10.1186/s41235-024-00585-3
10	Olga Pasitselska	2024	Frontline Knowledge: Digital Media Literacy of Older Adults in Ukraine	Media and Communication	https://doi.org/10.17645/mac.8277
11	Carla M. M. Fernandes; Luiz Ademir de Oliveira; Pedro A. Farnese; Luciana J. Augusto	2024	Literacia midiática e combate a fake news: um estudo de caso com o público da terceira idade.	Revista Signos	https://doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v45i1a2024.3679
12	Luís Miguel Pato; Patrícia Torrijos Fincias; Cristóvão Margarido; Ricardo Pocinho	2024	Senior TV – producing information as a way of deepening media literacy and defending against misinformation	Observatorio (OBS*)	https://doi.org/10.15847/obsOBS18520242441
13	María Francisca Montiel Torres; Laura Teruel	2025	Colectivos vulnerables y desinformación. Análisis de la realidad andaluza	Doxa Comunicación	https://doi.org/10.31921/doxacom.n41a2902

	Rodríguez; Livia García-Faroldi; Francisco Marcos Martín-Martín				
14	Montse Morata-Santos; Txema Egaña; Aitor Zuberogoitia; Júlia Vilasís-Pamos	2025	Desinformación y población sénior: análisis del impacto de la verificación en España según género y nivel de estudios	Anàlisi	https://doi.org/10.5565/rev/analisi.3790
15	Francisco Marcos Martín-Martín; José Ignacio Aguaded-Gómez	2025	Exploring the intersection between AI technologies and media literacy in older adults: A systematic research review	IJERI: International Journal of Educational Research and Innovation	https://doi.org/10.46661/ijeri.11320
16	Leen d'Haenens; Joyce Vissenberg; Marit Puusepp; Natalia Edisherashvili; Ellen J. Helsper et al.	2025	Fostering Media Literacy: A Systematic Evidence Review of Intervention Effectiveness for Diverse Target Groups	Media and Communication	https://doi.org/10.17645/mac.8901
17	José Juan Verón; Belén Sancho-Ligorred; Brenda Pérez-Zapater	2025	Media Literacy Against Disinformation: An Analysis of 25 Initiatives Promoted in Spain	Doxa Comunicación	https://doi.org/10.31921/doxacom.n41a2899

18	Megan Boler; Hoda Gharib; Yoon-Ji Kweon; Amanda Trigiani; Barbara Perry	2025	Promoting Mis/Disinformation Literacy Among Adults: A Scoping Review of Interventions and Recommendations	Communication Research	https://doi.org/10.1177/00936502251318630
19	Javier Gil Quintana; José Javier Hueso Romero; Luis Miguel Romero Rodríguez	2025	Social Media and Older Adults (1995–2023): A Bibliometric Analysis with Implications for Media Education in Lifelong Learning	Education Sciences	https://doi.org/10.3390/educsci15070811
20	Kristy Roschke; Tara Bartlett	2025	The Dangers of Low Literacy for American Democracy: The Promising Role of Public Institutions as Community Conveners	Adult Literacy Education	http://doi.org/10.35847/KRoschke.TBartlett.7.1.54

APÊNDICE B - artigos separados por categorias metodológicas

Revisões	Estudos experimentais	Estudos qualitativos	Estudos de levantamento de dados	Métodos mistos
Fostering Media Literacy: A Systematic Evidence Review of Intervention Effectiveness	Correcting fake news headlines after repeated exposure: memory and belief accuracy in younger and older adults	Literacia midiática e combate a fake news: um estudo de caso com o público da terceira idade.	Colectivos vulnerables y desinformación. Análisis de la realidad andaluza	A era da desinformação e a oferta de educação midiática para pessoas idosas
Promoting Media Literacy Among Older People: A Systematic Review	A digital media literacy intervention for older adults improves resilience to fake news	Frontline Knowledge: Digital Media Literacy of Older Adults in Ukraine	Dietas mediáticas de adultos mayores peruanos para informarse, educarse y entretenerse	Vulnerable populations and misinformation: A mixed-methods approach to underserved older adults online information assessment
Exploring the intersection between AI technologies and media literacy in older adults: A systematic research review	Desinformación y población sénior: análisis del impacto de la verificación en España según género e nivel de estudios	Media Literacy Against Disinformation: An Analysis of 25 Initiatives Promoted in Spain	Status of Senior Media Literacy in the Slovak Republic	
Promoting Mis/Disinformation Literacy Among Adults: A Scoping Review of Interventions and Recommendations	Overcoming the Age Barrier: Improving Older Adults' Detection of Political Disinformation With Media Literacy	Senior TV – producing information as a way of deepening media literacy and defending against misinformation		
Social Media and Older Adults (1995–2023): A Bibliometric Analysis with Implications for Media Education		“Não passe vergonha nos grupos”: Combate à desinformação entre idosos nas redes sociais		
The Dangers of Low Literacy for American Democracy: The Promising Role of Public Institutions as Community Conveners				